

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

TIAGO REGO GOMES

SKATE DE RUA E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO NA CIDADE DE SÃO PAULO.

Um estudo de caso sobre o “Beco do Valadão”.

Versão original

São Paulo

2020

TIAGO REGO GOMES

SKATE DE RUA E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO NA CIDADE DE SÃO PAULO.

Um estudo de caso sobre o “Beco do Valadão”.

Trabalho de Graduação Integrado I (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Scifoni

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G633s Gomes, Tiago Rago
SKATE DE RUA E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO NA CIDADE DE
SÃO PAULO: Um estudo de caso sobre o "Beco do
Valadão". / Tiago Rago Gomes ; orientadora Simone
Scifoni. - São Paulo, 2020.
99 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual) - Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de
Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Skate de rua. 2. Apropriação do espaço. 3. Uso.
4. Operação Urbana. 5. Beco do Valadão. I. Scifoni,
Simone, orient. II. Título.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Heloisa Maria Rego Gomes e João Batista Gomes, meus pais, por todo o apoio e incentivo irrestrito durante o período de graduação.

Agradeço, em especial, à Camila por todo amor, cuidado e companheirismo ao longo destes anos. Com toda certeza, sua companhia tornou este percurso mais leve.

Agradeço a Simone Scifoni, minha orientadora, pela paciência e gentileza no decorrer do longo processo de pesquisa e escrita do presente trabalho.

Agradeço imensamente a João Victor e Gabriel Campello, ambos integrantes dos coletivos Beco do Valadão e Rua Ativa. Sem seus relatos não seria possível a realização deste trabalho.

Agradeço aos amigos que fiz na Geografia e que contribuíram das mais diversas formas para a realização deste trabalho, academicamente ou não, em especial: Danilo, Guilherme, Paula e Simony.

Não poderia deixar de agradecer a amigos para além da universidade, visto que sem os mesmos não seria possível cogitar a produção deste trabalho, já todos os “rolês” que realizamos influenciaram na escolha do tema a ser investigado: Massaru, Guizão, Yossugo, Paulo, Cahuê.

Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade.

(Paulo Leminski, 1976)

RESUMO

Gomes, Tiago R. **Skate de rua e apropriação do espaço na cidade de São Paulo**: Um estudo de caso sobre o “Beco do Valadão”. 2020. n.º pag. Trabalho de Graduação Individual - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

O skate de rua surge enquanto produto do desenvolvimento dos centros urbanos sob égide do capitalismo. A relação de seus praticantes com a cidade se dá de forma singular, visto que estes interpretam, ocupam e se apropriam desta a partir do uso, negando a mesma como mercadoria. O “Beco do Valadão”, espaço ocupado, construído e ressignificado por skatistas, revela as contradições presentes no processo de (re)produção do espaço de maneira prática, em especial no âmbito do cotidiano.

Palavras-chave: Skate de rua. Prática. Apropriação do espaço. Uso. Beco do Valadão. Operação Urbana.

ABSTRACT

Gomes, Tiago R. **Street skate and space appropriation in the city of São Paulo: A case study on “Beco do Valadão”**. 2020. n°pag. Trabalho de Graduação Individual - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Street skate appears as a product of the development of urban centers under the aegis of capitalism. The relationship of its practitioners with the city takes place in a unique way, since they interpret, occupy and appropriate it from use, denying it as a commodity. The “Beco do Valadão”, a space occupied, built and reframed by skaters, reveals the contradictions present in the process of (re) production of space in a practical way, especially in the context of everyday life.

Palavras-chave: Street skate. Practice. Appropriation. Use. Beco do Valadão. Urban Operation.

Lista de figuras

Figura 1: Matéria veiculada em 26 de junho de 1988, pelo jornal Folha de São Paulo.....	11
Figura 2: Mapa de localização do “Beco do Valadão”.....	13
Figura 3: Capa da Revista 100% Skate. Ed 213 – Vinicius Costa – Backside 360 sobre escadaria da Catedral da Sé.....	33
Figura 4: Rua Matias Valadão, em Fevereiro de 2010, antes a reforma do calçamento prevista na Lei 13.769/04.....	40
Figura 5: Rua Matias Valadão, fevereiro de 2014, após a reforma das vias prevista na Lei 13.769/04.....	41
Figura 6: <i>Skatistas</i> reunidos no “Beco do Valadão” para a construção de obstáculo.....	46
Figura 7: Consumidores dos foodtrucks localizados no “Beco do Valadão” utilizando um obstáculo construído pelos <i>skatistas</i> como banco.....	48
Figura 8: Construção de <i>Wallride</i> no “Beco do Valadão”.....	51
Figura 9: Termo de Doação N° ____/PR-PI/2019.....	63

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	9
2- SKATE NO PÉ: A ORIGEM DO SKATE E SUA RELAÇÃO COM A CIDADE.....	17
2.1- SKATE DE RUA E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO: OCUPAR E RESISTIR NAS RUAS.....	27
3-POESIA DE CONCRETO: RELATOS SOBRE O “BECO DO VALADÃO”	37
3.1- DE RUA A “BECO DO VALADÃO”	42
3.2- DINÂMICAS E USOS DO “BECO”	47
4-ANDE DE SKATE E DESTRUA: TENSÕES EM TORNO DO “BECO”	50
4.1- OPERAÇÃO URBANA CONSORCIADA FARIA LIMA, TENSÕES E CONFLITOS.....	52
4.2- O “FIM” DO “BECO DO VALADÃO”	58
5-CONSIDERAÇÕES.....	64
6-BIBLIOGRAFIA.....	66

INTRODUÇÃO

O *skate* de rua se realiza enquanto prática sócio espacial através de sua relação com a cidade, visto que o mesmo é produto dos processos de industrialização e urbanização dos centros urbanos. Portanto, propor uma discussão que pretenda debruçar-se sobre a prática do *skate* de rua como forma de apropriação do espaço a partir do uso (SEABRA, 1996) é essencialmente propor uma discussão referente ao desenvolvimento das cidades e as contradições presentes ao longo deste processo.

Dados coletados pelo Instituto Datafolha¹ constataram haver cerca de 2.700.000 praticantes de *skate* no Brasil no ano de 2002. Alguns anos depois o número de praticantes aumentou de forma vertiginosa, batendo a marca de 8.500.000 praticantes em 2015, quando fora realizada a última pesquisa. O aumento exponencial de praticantes pode estar associado ao processo de esportivização da prática, onde atuação da grande mídia auxiliou este processo, construindo no imaginário geral uma identidade específica do *skate* enquanto prática esportiva, tendo como auge a inserção do mesmo como modalidade olímpica nas Olimpíadas de Tóquio 2020.

Como será apresentado ao longo do trabalho, o *skate* surge enquanto prática lúdica, e com caráter rebelde e transgressor desde sua origem, sendo por isso muitas vezes marginalizado. Nesse sentido, o *skate* se encontra em um ponto de tensão em relação ao capitalismo (OLIVEIRA, 2017), onde por um lado se opõem de forma radical as formas hegemônicas de (re)produção do espaço urbano através de sua prática enquanto *skate* de rua, e por outro se desenvolve enquanto esporte,

¹ Resultados detalhados da pesquisa do Instituto Datafolha do ano de 2015 estão disponíveis em: http://umti.com.br:8040/uploads/ckeditor/attachments/4449/Pesquisa_Datafolha_2015.pdf

constituindo um nicho de mercado e consolidando-se como mercadoria ao ser apropriada pelo capital.

A contradição presente no âmago da história do *skate* que se situa entre marginalização e esportivização² tende a ser discutida ao longo do trabalho, visto que a partir desta é possível identificar pontos de tensão que possibilitaram o desenvolvimento de distintas formas e/ou modalidades de praticar o *skate*, dentre elas o *skate* de rua, objeto central da investigação aqui proposta. Tal questão, portanto, referente às contradições próprias ao *skate* de maneira geral, são abordadas por Borden (2001):

While skateboarding critiques normative lifestyle, taken as purely social activity it is also exactly this normative lifestyle which it tends to replicate or parallel, creating a “surrogate social structure, complete with own rules and rituals. Or in Antonio Gramsci’s terms, skaters actively consent in the transference of ideas from dominant groups to themselves³ (p. 170).

A crítica de Borden (2001) evidencia o processo de profissionalização do *skate* ao ser encarado enquanto esporte e consequentemente um nicho de mercado. Nota-se, portanto, um processo de incorporação do *skate* pela lógica das relações sociais mediadas pela mercadoria (OLIVEIRA, 2017), como consequência do modo de produção

² BRANDÃO, L. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. Recorde: revista de história de esporte, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 01-24. dez. 2008. Disponível em: http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recordes/pdf/recordesV1N2_2008_15.pdf

³ Tradução: Enquanto o skate critica o estilo de vida normativo, tomado como atividade puramente social, é também exatamente esse estilo de vida normativo que tende a replicar ou paralelizar, criando uma “estrutura social substituta, completa com regras e rituais próprios. Ou, nos termos de Antonio Gramsci, os skatistas consentem ativamente na transferência de idéias dos grupos dominantes para si mesmos

capitalista. Contudo, o caráter transgressor do *skate* de rua enquanto prática sócio espacial resiste nas ruas da cidade, revelando a contradição entre o skate enquanto prática sócio espacial e o mesmo enquanto empreendimento econômico.

Um exemplo característico a respeito do caráter contraditório e transgressor da prática do *skate* de rua repousa sobre a proibição da mesma nas ruas da capital paulista durante a gestão, do então prefeito, Jânio Quadros durante o ano de 1988, gerando debates que tomaram as páginas dos jornais da época (Figura 1).

Para advogado, proibição de *skate* na rua é ilegal

Do Reportagem Local

A presença dos skatistas nas ruas, calçadas e praças da cidade deverá continuar, pois não são os praticantes não deverão acatar as determinações do prefeito Jânio Quadros impedindo a utilização de *skate* nestes locais, como também o Código Civil garante à população os direitos quanto ao uso de áreas públicas na cidade.

Indignado com a presença de skatistas ocorrida na última quinta-feira contra a proibição do *skate* nos fins de semana no Parque Ibirapuera (zona sul de São Paulo), o prefeito quer agora proibir sua utilização em toda a cidade, inclusive com a detenção e encaminhamento dos praticantes menores de idade ao Juizado de Menores, caso a ordem seja desrespeitada. A solicitação foi feita no secretário municipal dos Transportes, Geraldo Fenteado, juntamente com a ratificação da proibição no Parque Ibirapuera.

"O prefeito não tem a menor condição de implementar a ordem, pois se assim fosse, ele também poderia impedir o uso de bicicletas e patinetes, que

coincidentalmente estão sendo testados para utilização da Guarda Metropolitana" disse o advogado Waller Ceneviva, 66, da equipe de articulistas da Folha. Segundo ele, a determinação ultrapassa o Código Civil, que prevê as práticas esportivas como integradas ao uso da rua.

O artigo 66 do Código determina como bens públicos e portanto de uso comum do povo os mares, rios, estradas, ruas e praças. "O máximo que se pode fazer é o alerta contra a imprudência de certos skatistas, numa atitude de proteção contra sua vida e de terceiros. Não se pode colir genericamente o uso de um bem comum do povo" completou Ceneviva.

Contra as determinações

"Ele faz isso porque não sabe andar", afirma Adriano Meneses, 13, referindo-se ao prefeito. Para Leandro Ferraz, 15, deve existir "alguma coisa" por trás desta determinação. Para ele, os perturbadores da ordem "são os 'grailhas' que não sabem andar e 'zacam' o trânsito da rua". Indignado sobre a possibilidade de ser detido pela Guarda Civil Metropolitana e ir parar no Juizado de Menores, Ricardo Ferreira, 10,

disse não ter medo, e que "a ordem é uma porcaria". Para o advogado Waller Ceneviva, a Guarda Metropolitana pode até encaminhar os menores, mas dificilmente o Juizado vai fazer a detenção. "Eles com certeza não vão achar nada de errado em andar de *skate* pela cidade".

Para muitos skatistas as determinações do Prefeito "são uma verdadeira piada". "A cidade só possui duas pistas pagas para um número muito grande de praticantes, além do que fica muito caro andar mais de uma vez por semana", desabafou João Paulo Serra, 18. Ele sugere que o prefeito construa uma pista como a da Prefeitura de São Bernardo do Campo - considerada a maior da América do Sul - que nos fins de semana abriga cerca de 3 mil skatistas.

João Paulo contraria a afirmação feita pelo prefeito de que os praticantes são "ricos em sua maioria". Segundo ele, o número de skatistas "é incalculável" e distribuído por toda a cidade. Para Pedro de Carvalho, 8, morador do Pacembu (zona oeste) que também não vai acatar as ordens, Jânio Quadros "só está fazendo besteira".



Figura 1: Matéria veiculada em 26 de junho de 1988, pelo jornal Folha de São Paulo. Fonte: Acervo Folha.

A proibição da prática do *skate* de rua por Jânio Quadros evidência a disputa existente em torno da ocupação do espaço, visto que andar de *skate* pelas ruas é tido como algo transgressor a lógica dominante de organização e funcionamento da cidade. O fatídico episódio incentivou jovens *skatistas* a se mobilizarem e reivindicarem o direito de ocupar as ruas com seus "carrinhos", organizando manifestações que vieram a bloquear as avenidas próximas à Prefeitura da cidade de São Paulo, situada no interior do Parque do Ibirapuera, e elaborar campanhas como "skate não é crime", que viria a estampar a capa da revista especializada *Overall* em junho de 1988 (BRANDÃO, 2019). Giancarlo Machado (2011) destaca que:

Apesar da proibição do skate na cidade de São Paulo, os skatistas não deixaram de ir para as ruas nem para o Parque do Ibirapuera, mesmo sob risco de algumas punições, como a apreensão de skates por parte de policiais e guardas municipais. Esta ação foi somente revogada na gestão da prefeita Luiza Erundina (PT, 1989-1992). Com base nesse desfecho, pode-se dizer que na "guerra" pelos usos do espaço público, os skatistas ganharam a batalha (p. 135).

As tensões entre distintos grupos que compõem a sociedade refletem na cidade, visto que o espaço segundo Milton Santos (2008) também deve ser compreendido como uma instância da sociedade. Portanto, as tensões, disputas e conflitos entre grupos sociais produzem o espaço urbano, evidenciando contradições inerentes a este processo e reveladas a partir da realidade urbana, como: valor de uso/valor de troca e apropriação/propriedade.

O objetivo do presente trabalho, logo, é explorar como se dá a relação *skate* de rua e cidade a partir da prática do mesmo como forma de apropriação do espaço. Atentando para as contradições entre valor de uso/valor de troca e embates decorrentes destas, como conflitos e tensões entre *skatistas* e o Estado, por exemplo. Para que tal pesquisa fosse possível fora realizado um trabalho de campo no "Beco do Valadão", a fim de coletar informações a respeito da prática e suas relações com o espaço.

O "Beco do Valadão", localizado na Rua Matias Valadão (vide Figura 2), uma paralela da Av. Brigadeiro Faria Lima, foi um espaço ocupado e construído por *skatistas*, que resistiu bravamente por quase cinco anos (2014-2017) em meio a tensão gerada em torno de uma centralidade financeira-empresarial.

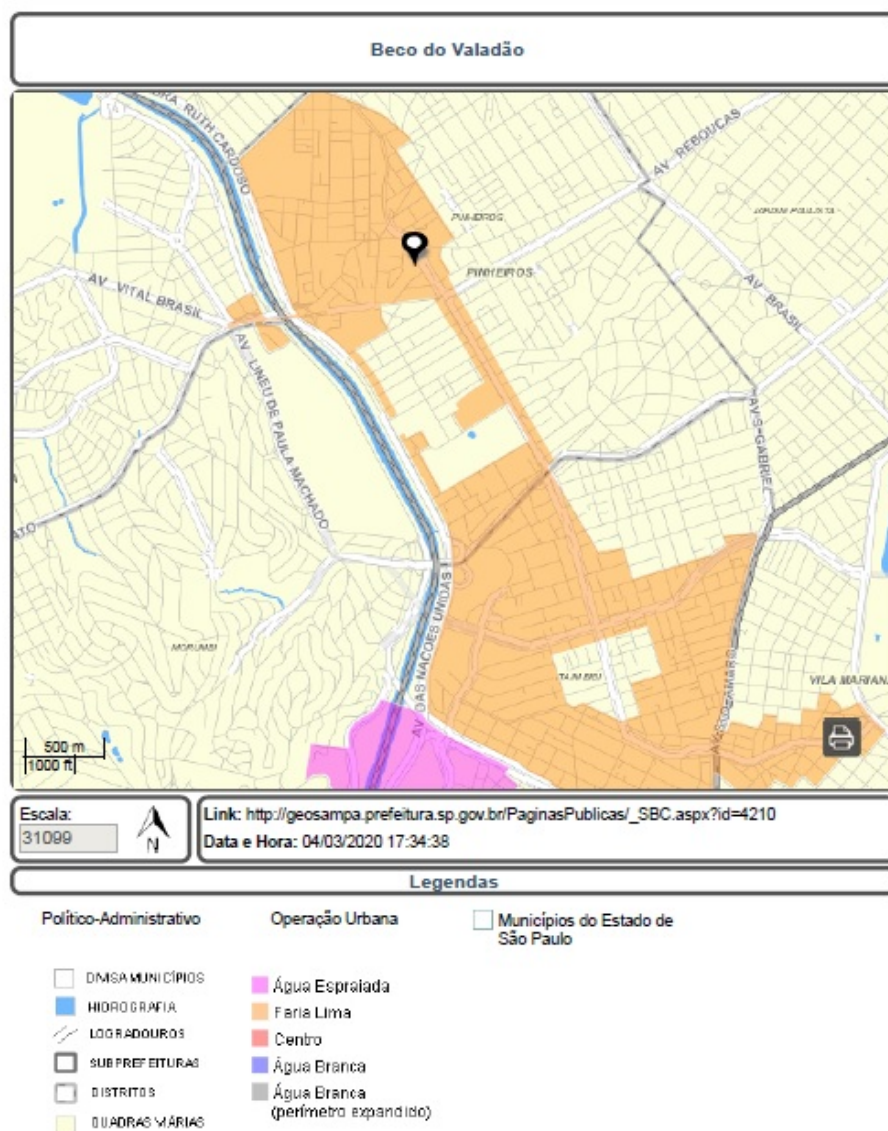


Figura 2: Mapa de localização do "Beco do Valadão". Autor: Tiago Rego Gomes.

O "Beco" emerge, enquanto lugar passível de ser ocupado por *skatistas*, como um desdobramento da Operação Urbana Consorciada Faria Lima (Lei 13.769/04)⁴, após o alongamento da avenida e a reforma

⁴ A operação urbana é um mecanismo de parceria entre o poder público e a iniciativa privada, através do qual os interessados podem aumentar a área construída de seu imóvel, a ocupação de seu terreno, implantar usos e atividades não previstos pelo zoneamento, anexar área remanescente de desapropriação e até obter a cessão do espaço público aéreo ou subterrâneo, no perímetro definido como de influência da nova Avenida Faria Lima. (Operação Urbana Faria Lima *apud* CARLOS, 2001, p. 70).

do calçamento da mesma, intervenção prevista no projeto de Lei supracitado.

A reflexão a respeito da Operação Urbana Faria Lima nos permite compreender a dinâmica das forças e grupos sociais que participam da (re)produção do espaço urbano, no plano abstrato e na materialização destes processos e a forma como estes influenciam os conflitos e tensões em torno do “Beco do Valadão”. A OUCFL, analisada com profundidade por Ana Fani Alessandri Carlos (2001) revela alianças entre Estado e setores da iniciativa privada como condição chave para a realização do ciclo do capital, com o intuito de romper barreiras da propriedade privada presentes no próprio processo de urbanização, atendendo as necessidades do capital.

A produção do espaço urbano a partir das necessidades econômicas e políticas de grupos hegemônicos responde a uma racionalidade técnica associada a lógica da mercadoria. Ao mesmo tempo, a cidade é o lugar da reprodução do espaço da vida social, (CARLOS, 2001) que a partir de práticas sócio espaciais coletivas possibilita a apropriação do espaço, abrindo perspectivas para além da lógica hegemônica.

Os pressupostos apresentados para a realização da pesquisa permitiram a estruturação do trabalho da seguinte forma:

O primeiro capítulo irá realizar um resgate histórico referente ao surgimento do *skate* e seu desenvolvimento enquanto prática, atentando para as contradições presentes no interior deste processo. Em especial, será abordado o processo de esportivização e marginalização da prática a fim de entender as distintas modalidades e/ou formas existentes de praticar o *skate*, atentando principalmente para a emergência do *skate* de rua e sua forma de se relacionar com o espaço a partir da relação corpo-cidade e sua maneira de interpretar, ocupar e se apropriar do mesmo.

A segunda parte deste trabalho será dedicada a compreender como se deu o processo de ocupação e consolidação do “Beco do Valadão” a partir da prática do *skate* de rua. Para tanto, aparecerão entrevistas

realizadas com *skatistas* locais que participaram ativamente de todo o processo: João e Campello, ambos integrantes dos coletivos Beco do Valadão e Rua Ativa. A partir dos relatos de ambos, disponibilizados de maneira integral nos anexos A e B, se torna possível compreender as dinâmicas e usos do “Beco” de forma honesta, sua importância para a comunidade de *skatistas* e não-*skatistas* que tinham neste espaço um refúgio em meio a metrópole. A importância do “Beco do Valadão” fica evidente ao longo das entrevistas, segundo Campello:

[o “Beco”] proporcionou os melhores momentos da minha vida, tudo bem que teve muito stress, foi muito cansativo, mas os momentos, os amigos, isso eu vou levar pra vida e eu te juro mano, eu me emociono muito quando falo isso! (Gabriel Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

O “stress” relatado por Campello diz respeito aos conflitos e tensões causados pela ousadia de ocupar um centro financeiro planejado com o objetivo de atender as necessidades do capital através de estratégias neoliberais tuteladas pela atuação do Estado.

O último capítulo irá abordar os conflitos e tensões acima citados, revelando os grupos envolvidos e a forma com que os *skatistas* encontraram para resistir aos mesmos. Também será exposto como se deu a destruição do “Beco do Valadão”, culminando em seu “fim”, baseado nos relatos dos entrevistados e a atuação dos coletivos envolvidos ao longo do processo.

Em suma, o empenho deste trabalho fundamenta-se na investigação da potencialidade da prática do *skate* de rua como forma de apropriação do espaço tendo como base o caso do “Beco do Valadão”.

2- SKATE NO PÉ: A CIDADE E O SKATE

“(...)o mundo é minha plaza
Na rua, me sinto em casa
E se não pode, a gente arruma um jeito(...)”⁵

O *skate* e as cidades estão intimamente ligados, visto que sem uma base espacial e uma arquitetura consolidada, como a encontrada nos centros urbanos, a prática do skate como o conhecemos hoje seria improvável. O *skatista*, enquanto sujeito, percebe o mundo como sua *plaza*⁶ e a rua como extensão de sua casa, evidenciando uma relação particular e afetiva com a cidade e seus lugares, construindo um sentimento de pertencimento singular ao espaço urbano a partir de situações e tensões decorrentes da realização desta prática coletiva.

O hoje célebre “esporte radical” se constitui como produto do desenvolvimento dos núcleos urbanos, portanto, as contradições presentes ao longo do processo de urbanização e produção/reprodução do espaço urbano também estão presentes no desenvolvimento da prática do *skate*, visto que ambos se relacionam de maneira intrínseca de acordo com as transformações do espaço. Nesse sentido se faz necessário pontuar que o espaço, como aqui apresentado, não deve ser tido como uma categoria inerte e/ou abstrata, já que o mesmo é tido como uma instância da sociedade, assim como a economia e a cultura, portanto mutável de acordo com avanços e retrocessos da humanidade. Segundo Santos (p. 12, 2008):

[...] como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida. A economia está no espaço, assim como o espaço está na economia. O mesmo se dá com

⁵Trecho da música “Skate no pé” do rapper Black Alien com participação dos MC’s e skatistas Parteum e Kamau

⁶ Forma típica de uma pista de *street skate*, constituída de formas e equipamentos que remetem aos encontrados na cidade (bancos, bordas, escadas, corrimão, etc).

o político-institucional e com o cultural-ideológico. Isso quer dizer que a essência do espaço é social.

Portanto, se a essência do espaço é social pode-se inferir que a sociedade enquanto tal se realiza através e a partir do espaço, pelo fato deste conter e estar contido nas diversas instâncias que a compõem. Para Carlos (2001):

Os diversos elementos que compõem a existência comum dos homens inscrevem-se no espaço; deixam suas marcas. Lugar onde se manifesta a vida, o espaço é condição, meio e produto da realização da sociedade humana em toda sua multiplicidade. (p.11)

O *skate* está inserido neste processo desde a sua origem, sua história é permeada por transformações que estão associadas de maneira concomitante com o desenvolvimento das cidades e do urbano; mudando de significados e metamorfoseando a si enquanto prática de acordo com as transformações políticas, sociais, culturais e espaciais ao longo da história.

O *skateboard* tem origem na Califórnia, estado norte-americano localizado às margens do Oceano Pacífico, em meados da primeira metade do século XX, como uma espécie de brinquedo utilizado pela juventude como meio de locomoção. Contudo, o surgimento da prática como a conhecemos hoje se dá posteriormente:

Somente a partir de 1960 que esse brinquedo improvisado adquiriu novos significados. Com a irregularidade das ondas em praias californianas, vários surfistas norte-americanos apropriaram-se das tábuas com rodinhas e deram outro sentido ao seu uso: após alterarem seus formatos, ficando semelhante a uma prancha, elas se tornaram uma espécie de surfe sobre rodas. (MACHADO, 2011, p.14).

O trecho acima revela o caráter lúdico da prática durante o período de seu surgimento, um aspecto significativo para a comunidade de *skatistas* e que possibilita formas de resistência no que diz respeito à

garantia da espontaneidade e do potencial criativo da prática até os dias atuais. Sendo assim, é possível apontar que o reconhecimento do caráter lúdico da prática do *skate* serviu como freio no que diz respeito ao processo de esportivização e normatização da mesma, resultando em sua inserção na lógica de mercado.

Ser visto como brincadeira e não ser levado a sério por conta disso é retrato da necessidade de tornar cada aspecto da sociedade em parte da lógica de mercado; tratar o skate como esporte torna mais viável trata-lo, também como mercadoria. Ou seja, aquilo que não pode ser comercializado não deve ser encarado com seriedade. (OLIVEIRA, 2018, p. 24).

A prática que até então era tida como uma atividade lúdica e que desde seus primórdios apresentou originalidade no que diz respeito a ocupação e ressignificação de espaços, vide o uso que os *skatistas* deram a piscinas vazias durante a seca⁷ pelo qual o estado da Califórnia passou na década de 70:

Na Califórnia existem muitas piscinas em formato oval, redondo... as paredes possuem transições, que lembram a ondas do mar. Foi essa “rampa” nas paredes das piscinas californianas, somada à habilidade e à técnica dos skatistas de “Dogtown”, sobretudo os da equipe “Z-Boys”, que forneceram às piscinas vazias uma outra utilidade nunca antes pensada [...]. (BRANDÃO, 2011, p. 65).

O episódio citado acima, fruto da casualidade e espontaneidade, demonstra que o caráter transgressor associado à prática do *skate* está presente desde sua gênese. Seus praticantes criam formas não óbvias de se apropriar de espaços com funções pré-determinadas, abdicando o valor de troca caracterizado pela lógica da mercadoria e reivindicando o

⁷ BRANDÃO, Leonardo. **A Cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**. Dourados: Editora Ufgd, 2011. 160 p. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1018/1/a-cidade-e-a-tribo-skatista-juventude-cotidiano-e-praticas-corporais-na-historia-cultural.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019

valor de uso, trazendo à tona a contradição entre valor de uso e valor de troca⁸.

Ainda em meados da década de 70 o skate passa por uma de suas revoluções técnicas, marcada pela introdução de poliuretano na fabricação de suas rodas, que antes eram produzidas com borracha, ferro ou argila (BRANDÃO, 2006), esta nova tecnologia impulsionou o desenvolvimento da prática. As novas rodas, agora mais aderentes ao asfalto permitem movimentos cada vez mais agressivos devido à velocidade proporcionada pelas mesmas, possibilitando a invenção de novas manobras e a popularização do que viria a se tornar um dos “esportes radicais” mais praticados no mundo.

A popularização do *skate*, marcada pelo avanço tecnológico, culminou em um processo de esportivização da prática, enquadrando a mesma em um padrão associado a demais práticas esportivas como a criação de regulamentos específicos, fragmentação em modalidades, *rankeamento*, premiação, etc.

Neste contexto observa-se o desenvolvimento de um mercado específico voltado a este novo nicho esportivo, estabelecido pela criação de campeonatos específicos, marcas, lojas e mídia especializada. Nota-se ainda a criação de espaços particulares, os *skateparks*, desenvolvidos especificamente para a prática do skate a fim de incentivar o mesmo como esporte, restringindo-a a um espaço determinado, cerceando os corpos dos *skatistas* e mitigando sua prática espontânea e transgressora nas ruas da cidade.

A criação dos skate parks pode ser vista como uma tentativa de se enquadrar dentro da norma padrão, no modo capitalista, de produção do espaço urbano. A prática origina-se como forma de entreter os surfistas quando não há maré propícia ao esporte; a prática toma contornos criativos desde seu princípio ao tomar piscinas vazias em um local com objetivo completamente diferente daquele para o qual foi

⁸ LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. Ed. Centauro. 2001.

construído; esta mesma prática teve de definir um espaço adequado – leia-se aqui um espaço que não interfira nos demais – para sua realização. (OLIVEIRA, 2018, p. 26).

No Brasil o *skate* origina-se de forma semelhante a apresentada, indicando a influência estadunidense neste processo. A prática fora notada por jovens surfistas cariocas no final da década de 60 a partir de anúncios expostos em revistas norte-americanas especializadas em *surf*. Seus praticantes utilizavam as fotografias presentes nas revistas como referência para a construção de *skates* improvisados com partes de patins (rodas e eixos) e pedaços de madeira, tal fato fez com que a prática do *skate* ficasse conhecida em um primeiro momento como *surfinho*⁹.

O surgimento e a consolidação do *skate* no Brasil também está associado a um processo de transformação de comportamento da vida em sociedade (HONORATO, 2013), onde nota-se uma busca pela criação e recriação de práticas que rompam com uma rotina organizada a partir da lógica de reprodução do mundo como mercadoria.

No Brasil, as décadas de 60 e 70, nas quais os registros apontam a sociogênese do skate ligada a cultura estadunidense, foram períodos de grande turbulência para a sociedade brasileira haja vista a ditadura militar instaurada e os movimentos de contracultura (BRANDÃO, 2007). Nesse contexto, o skate emergiu portando caráter desrotinizador, expressando comportamentos e tensões agradáveis que podem se dar pelo descontrolado das emoções e das ações motoras. (HONORATO, 2013, p. 98.).

O caráter lúdico do *skate*, como debatido anteriormente, encontra-se presente, visto que a potencialidade da prática está calcada sobretudo na ausência de regras, normas e espaços específicos para o seu

⁹ BRANDÃO, Leonardo. **A Cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**. Dourados: Editora Ufgd, 2011. 160 p. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1018/1/a-cidade-e-a-tribo-skatista-juventude-cotidiano-e-praticas-corporais-na-historia-cultural.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019

desenvolvimento. Seu início como forma de lazer transpõe noções pré-determinadas a forma com a qual devem ser realizadas certas atividades, visto que o mesmo faz uso das ruas da cidade como lugar de sua realização, criando uma nova prática sócio espacial que coloca em xeque a instauração do cotidiano. Segundo Seabra (1996):

O cotidiano, ele próprio, é uma mediação entre o econômico e o político, objetivação de estratégias do Estado no sentido de uma gestão total da sociedade; lugar de realização da indústria cultural visando os modelos de consumo, no que se destaca o papel da mídia. Enfim, no cotidiano, entre o concebido e o vivido, travam-se as lutas pelo uso, sempre envolvendo particularidades na direção e com sentido a firmarem-se como diferença (p. 77).

Como o desenvolvimento de práticas sócio espaciais não segue um caminho linear, com o *skate* não seria diferente. Apesar de características lúdicas e transgressoras presentes durante seu aparecimento no Brasil o mesmo segue um trajeto similar ao observado em seu país de origem, visto que em 1975 ocorre o primeiro grande campeonato de *skate* no Brasil¹⁰, no Rio de Janeiro, marcando o início do processo de esportivização da prática. Conforme apresentado por Honorato (2013) a esportivização é um processo e não se encerra no primeiro campeonato nacional de *skate*:

A construção da primeira pista de skate da América Latina¹¹, os primeiros campeonatos, as instruções de como julgar uma competição, as manobras, a evolução dos equipamentos, a divisão de categorias (sênior e júnior) e o novo estilo (vertical), ilustram ações iniciais da esportivização da prática do skate como meio para

¹⁰ HONORATO, Tony. A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 95-112, Mar. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000100009&lng=en&nrm=iso>.

¹¹ Inaugurada 22 de dezembro 1976, em Nova Iguaçu/RJ.

constituir e instituir regras e condutas racionais e especializadas. (p. 100).

O processo de esportivização discutido por Honorato (2013) apresenta uma mudança no que diz respeito a forma com a qual o *skate* é visto e compreendido de maneira geral pela sociedade. Antes tido como uma prática corporal lúdica, associada ao lazer e por muitas vezes a marginalidade, o *skate* passa a ser interpretado como uma prática esportiva caminhando em direção a profissionalização e consequentemente desembocando em uma tentativa de enquadrar a prática em um determinado padrão de comportamento, restringindo-a a espaços específicos.

A construção de *skate parks* em território nacional, o desenvolvimento de mídia especializada, a organização de diversos eventos e campeonatos específicos, o intercâmbio com *skatistas* de outros países, a sua divisão em modalidades e a fundação de associações de *skatistas*¹² ajudaram na consolidação do *skate* como esporte profissional. Um dos marcos desse processo é a popularização do *skate* vertical que:

(...) se caracteriza por ser uma modalidade onde o skate é praticado em grandes rampas de madeira ou cimento, com aproximadamente quatro metros de altura e denominadas “half-pipe” (“meio tubo” em português). Nessas rampas, que podem ser simbolizadas pela letra “U”, os skatistas executam inúmeras manobras, mas que normalmente mais chamam a atenção os saltos, chamados de aéreos, onde tanto o skate quanto o corpo do skatista permanecem no ar por alguns segundos até retornarem novamente ao contato com a rampa. (BRANDÃO, 2011, p. 64).

¹² HONORATO, Tony. A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 95-112, Mar. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Nov. 2019.

O *skate* vertical é aceito socialmente visto que não causa nenhum impacto no funcionamento da cidade por ser praticado em espaços restritos e atender a determinadas normas de comportamento. Destaca-se o fato do mesmo ser exibido constantemente em programas esportivos vinculados a grandes canais televisivos, consolidando a esportivização da prática e sua mercantilização. Se por um lado nota-se um esforço por parte do mercado em associar o *skate* exclusivamente a uma prática esportiva, servindo como produto publicitário para grandes marcas, por outro observa-se as ruas, praças e avenidas dos centros urbanos sendo tomadas por jovens *skatistas* que projetam no cimento da cidade seu lugar de lazer, retomando o caráter lúdico associado à prática e deixando de lado a ideia de um *skate* institucionalizado.

(...) ou seja, o skate está permeado, enquanto prática urbana, pelas contradições do capitalismo tanto quanto a produção do espaço das cidades; aqueles que detêm os meios de produção transformam em produto mesmo as formas mais distanciadas das lógicas de mercado. (OLIVEIRA, 2018, p. 19).

A contradição apresentada torna-se evidente no decorrer da década de 80, onde observa-se um novo direcionamento ideológico da prática muito influenciado pelo movimento punk e seu caráter essencialmente transgressor. A cultura punk não tem origem no Brasil, mas é incorporada por jovens¹³, dentre eles *skatistas*, que passam a construir uma identidade baseada na associação entre suas experiências vivenciadas nas ruas da cidade, os acordes agressivos e os gritos de contestação presentes nas letras de punk rock.

O *punk*, assim como o *skate*, se desenvolve enquanto produto do processo de industrialização e urbanização das cidades, ainda que

¹³ BRANDÃO, Leonardo. **A Cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**. Dourados: Editora Ufgd, 2011. 160 p. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1018/1/a-cidade-e-a-tribo-skatista-juventude-cotidiano-e-praticas-corporais-na-historia-cultural.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

carregando um caráter de negação a imposição destes processos na vida cotidiana.

Todo esse espírito de contestação, irreverência e rebeldia (contra tudo e todos!) que vinha com a cultura punk importada de países da Europa, principalmente Inglaterra - mas também dos Estados Unidos - dava o tom e o ritmo da prática do skate nos anos 80. Possivelmente o entrelace entre ambas as culturas deu forças e coragem para que os *skatistas* deixassem de se aventurar somente por locais como ruas, ladeiras ou praças e passassem, uma apropriação que carrega um bom tom de transgressão, a utilizar outros aparelhos urbanos, tais como corrimãos, escadas e bancos. (BRANDÃO, 2011, p. 110).

A relação *skate*, punk e cidade não se encerra em seu caráter rebelde, a mesma permite aos sujeitos uma nova forma de interpretação do espaço urbano, reivindicando o uso da cidade enquanto obra social¹⁴ e não mercadoria. Segundo Brandão (2011):

Quando se fala, portanto, das relações entre o *punk*, o *skate* e a cidade, deve-se ter em mente que esta não é somente o espaço concreto, dos prédios e casa habitacionais: pois a cidade é, antes de tudo, o espaço privilegiado onde ocorrem as relações sociais, as práticas culturais e de subjetivação. (p. 111)

Nesse sentido nota-se uma alteração central no que diz respeito a prática do *skate*, visto que seus praticantes passam a se apropriar da cidade em diversos níveis, produzindo novas formas de se relacionar com o espaço e reivindicando a rua como lugar do possível, na contramão de uma racionalidade hegemônica pautada pela lógica de acumulação capitalista, onde a mercadoria passa a mediar a reprodução da vida social (CARLOS, 2001).

¹⁴ LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. Ed. Centauro. 2001.

As relações provenientes de tal processo tornaram possível o desenvolvimento de uma prática sócio espacial constituída a partir do vivido, construída no cotidiano. Portanto, na segunda metade dos anos 80, surge o *skate* de rua, envolto pela atitude rebelde e transgressora do *punk*. Segundo Machado (2011) desde a sua consolidação, o *skate* de rua tem como objetivo central sua prática nas ruas da cidade e não em *skate parks* ou espaços determinados para sua realização.

Entretanto, “andar de skate” nas ruas não significa dizer que os skatistas, munidos de seus “carrinhos”, circulem por aí dando somente impulsos em asfaltos e calçadas, por entre pedestres, carros, motos, caminhões e outros veículos. Ao contrário, eles transitam e interagem com a dinâmica urbana tendo em vista a procura por *picos*, isto é, equipamentos urbanos dotados de certas características que possibilitam a prática do skate. (MACHADO, p. 2, 2011).

Nesse sentido é possível apontar uma subversão do uso das ruas a partir da prática do *skate* de rua, colocando em questão tensões e brechas presentes no processo de produção do espaço. Contudo, essa discussão tende a ser aprofundada no decorrer do trabalho ao abordar a relação entre *skate* de rua e cidade e investigar os limites da prática enquanto modo de apropriação do espaço.

2.1- SKATE DE RUA E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO: OCUPAR E RESISTIR NAS RUAS DA CIDADE.

O *skate*, como pode ser observado a partir da discussão realizada no capítulo anterior, não se constitui enquanto uma prática imutável, visto que a mesma se metamorfoseia de forma constante ao longo de sua história. Sendo assim, se faz necessário pontuar, que o *skate* em sua totalidade deve ser caracterizado como uma prática plural, multifacetada e complexa, visto todas as particularidades que o constituem. Todavia, apesar do objetivo deste trabalho permear as demais facetas do *skate*, ele tem como ponto fundamental de investigação o *skate* de rua como modo de apropriação o espaço e as tensões que integram esta relação.

A proposta de investigar a prática do *skate* de rua como modo de apropriação do espaço pressupõe que tal prática é produto do desenvolvimento do espaço urbano, este que por sua vez é produto e condição do processo de acumulação capitalista.

[...] a ocupação do espaço se realizou sob a égide da propriedade privada do solo urbano, onde o espaço fragmentado é vendido em pedaços, tornando-se intercambiável a partir de operações que se realizam no mercado. Tendencialmente produzido como mercadoria, o espaço entra no circuito da troca, generalizando-se em sua dimensão de mercadoria. Por outro lado, o espaço se reproduz como condição da produção, atraindo capitais que migram de um setor da economia para outro de modo a viabilizar a reprodução. (CARLOS, 2001, p. 22).

Nesse contexto, nota-se que a produção e a reprodução do espaço se dá a partir das necessidades económicas e políticas de determinados grupos hegemônicos, respondendo a uma racionalidade técnica associada a lógica da propriedade privada. Ao mesmo tempo, a cidade se constitui como lugar da reprodução do espaço da vida social no âmbito do

cotidiano (CARLOS,2001), onde a partir de práticas sócio espaciais possibilita a apropriação do espaço de maneira contraditória a lógica da propriedade, abrindo perspectivas para além da cidade produzida como mercadoria.

A discussão em torno do espaço urbano e as práticas sócio espaciais derivadas do processo de produção e reprodução do mesmo, como o *skate* de rua, requer o estudo das relações contraditórias essenciais a este processo. Para Seabra (1996) a história poderia ser lida, contada e interpretada pelo movimento conflituoso entre apropriação e propriedade, onde a apropriação seria o fim da alienação.

Na contradição propriedade/apropriação que se dá no âmbito do cotidiano¹⁵ é possível notar a prática do *skate* de rua como resistência a uma cidade normatizada, que fragmenta o espaço e delimita funções específicas a determinadas formas. Segundo Barbosa (2015):

[...] a noção de espaço para skatistas de rua transcende o vazio de uma mera plataforma para essa prática e assume uma centralidade nas práticas culturais desse grupo. O skate de rua existe a partir da incorporação do ritmo, fluidez, topografia e energia das ruas que abrigam e fomentam as performances dos skatistas. Existe então uma corporeidade em comum para todas as pessoas que andam de *skate* na rua, criando assim uma apropriação e uma percepção desse espaço ocupado com traços comuns a qualquer *skatista*. Tal experiência comum (e também particular de acordo com recortes de gênero e classe) reflete na identidade construída ao longo da história dessa prática, a partir da congregação de diversos elementos da marginalidade sociocultural. (BARBOSA, 2017, p. 12).

Sendo assim, através do *skate* de rua torna-se possível construir formas de resistência à cidade enquanto mercadoria, levando em consideração a noção de espaço destes sujeitos e a maneira ímpar com

¹⁵ SEABRA, Odette. A insurreição do uso, in Henri Lefebvre e o retorno à dialética, (org) José de Souza Martins, 1996, ed. Hucitec.

a qual os mesmos compreendem, interpretam e ocupam as ruas da cidade. Segundo Machado (2011) o grupo de *skatistas* que descobre a rua como lugar de realização da sua prática desenvolve um olhar singular e preciso a características qualitativas do espaço urbano, transgredindo a norma padrão de uso e ocupação das ruas ao dar um novo uso para determinados equipamentos e aparelhos (escadas, bancos, corrimões, bordas, etc):

Um exemplo são as escadarias (...) Algumas contam somente com os degraus; mas também há a *double set* (duas seções de degraus) e a *triple set* (três seções de degraus). O corrimão de uma escada pode ser quadrado ou redondo, com tranco ou sem tranco, inclinado ou “suave”. As bordas de um banco podem ser de concreto, de mármore, de madeira, de ferro ou outros materiais. Portanto, antes de andar em um obstáculo, os skatistas examinam todas as suas características e, com base nelas, realizam algum tipo de manobra, com maior ou menor técnica, com riscos de tombos ou com maior domínio sobre o skate. (MACHADO, 2011, p. 114).

O olhar *skatista*, apresentado por Machado (2011), volta-se essencialmente para características do espaço urbano que estão invisíveis para os demais transeuntes. A forma com a qual o *skatista* de rua interpreta o espaço tendo como único objetivo o uso dele nos remete a emergência de uma prática sócio espacial que nega a cidade enquanto mercadoria, culminando na apropriação da mesma enquanto obra.

(...) ao imaginar ou ler o espaço de uma forma diferente do usual, os skatistas passaram a projetar sobre seus elementos constitutivos outras funcionalidades que ultrapassavam os sentidos primeiros, construídos pelos engenheiros, arquitetos e demais pensadores da cidade. (BRANDÃO, 2008, p. 13).

A apropriação de equipamentos e elementos urbanos, o “olhar *skatista*” e a noção de espaço desenvolvida por *skatistas* de rua a partir

de sua prática são aspectos de notoriedade para a discussão, contudo, é indispensável enfatizar a importância da topografia e do entorno do local no qual será realizada a sessão¹⁶:

(...) Como exemplo nota-se a especificidade da prática do skate de rua na cidade de São Francisco nos Estados Unidos, marcada pela alta velocidade fruto das imensas ladeiras da cidade. Os espaços planos possibilitam e condicionam outras performances - tais quais as praticadas no Vale do Anhangabaú em São Paulo, no Macba em Barcelona, ou na lendária praça do embarcamento em São Francisco - possivelmente mais técnicas e menos agressivas. O skate de rua nova iorquino é marcado pela forte interação com o tráfego de automóveis e pessoas, como um agravante a dificuldade das manobras executadas. Já o skate de rua de Los Angeles é característico pelas sessões em escolas invadidas nos finais de semana, contando com um espaço mais amplo e vazio para as performances, possibilitando manobras mais técnicas com um controle maior das obstruções as sessões. (BARBOSA, 2015, p. 15)

As experiências vivenciadas por *skatistas* de rua no embate corporeidade apresentado por Barbosa (2015) indicam o estabelecimento de uma corporeidade comum a estes sujeitos tendo como base a prática do *skate* de rua. Nota-se, portanto, o que se pode classificar como uma identidade, ainda que fluida, entre os sujeitos que utilizam de tal prática para ocupar e reinterpretar as ruas da cidade, apontando para a consolidação de uma cultura embasada no modo de apropriação que estes fazem do espaço.

Ao tratar a respeito do conceito de cultura associado a prática do *skate* de rua é possível utilizar reflexões propostas por Williams (2011) a respeito da temática. Para o autor a cultura está vinculada de maneira intrínseca às demais instâncias que compõem a sociedade, portanto sob

¹⁶ Segundo Machado (2019) sessão é a prática do *skate* durante certo período de tempo.

o regime capitalista está se desenvolve como forma de dominação, respondendo a princípios organizacionais associados ao interesse de uma determinada classe social. Nesse sentido o autor evoca conceitos como o de hegemonia, discutindo sua complexidade e a maneira como se desenvolvem formas de controle a partir de um sistema central de práticas, significados e valores, podendo ser classificado como dominante e eficaz (WILLIAMS, 2011), que busca organizar o modo de vida das sociedades. A transmissão de uma cultura dominante e eficaz se dá a partir da construção de uma “tradição seletiva” que enfatiza e até mesmo reinterpreta significados e práticas do passado e do presente, enquanto outras são negligenciados ou excluídos (WILLIAMS, 2011, p. 54).

A partir das contribuições do autor nota-se que as práticas culturais apresentam contradições semelhantes às já apresentadas, trazendo à tona o caráter de classe e seu desenvolvimento histórico e material. Portanto, observa-se o desenvolvimento de um sistema central hegemônico que pretende transmitir uma cultura dominante tendo como premissa interesses específicos de determinadas classes e práticas que se opõem a estas definições efetivas e dominantes.

A existência da possibilidade de oposição e de sua articulação, o seu grau de abertura, e assim por diante, mais uma vez dependem de forças sociais e políticas bastante precisas (WILLIAMS, 2011, p. 56).

Nesse sentido uma cultura opositora (WILLIAMS, 2011) se opõe efetivamente as definições centrais impostas pela cultura dominante a partir de práticas, experiências, significados e valores para além do hegemônico. De acordo com o observado, pode se propor uma discussão onde o *skate* de rua se constitui a partir das contradições presentes em seu processo de desenvolvimento como uma cultura opositora e não somente alternativa.

A prática do *skate* de rua, portanto, apresenta-se como resistência a lógica da mercadoria representada pelo valor de troca, transgredindo limites impostos pelo espaço concebido (SEABRA, 1996) e dando um

novo uso a este espaço a partir do vivido. Para Barbosa (2015) o uso que *skatistas* fazem da cidade é resistente à sua lógica e razão dominantes, desprezando os ritmos e espaços racionais, ao redefinir os sentidos originais projetados a estes espaços.

Na imagem abaixo (figura 3), capa da revista nacional 100% Skate, é possível notar o embate corpo-cidade evocado por Barbosa (2015). Na imagem observa-se um monumento histórico da cidade de São Paulo, a Catedral da Sé, tida como um marco da capital paulista a Catedral é conhecida mundialmente por sua arquitetura imponente. Contudo, os aspectos observados por *skatistas* de rua divergem dos citados acima, voltando sua atenção para as escadarias, o mármore dos degraus e o fluxo de pessoas no local.

Identificar tais características qualitativas do espaço remete ao olhar skatista, apresentado anteriormente, e exemplifica de maneira didática a prática do skate de rua como meio de ressignificar formas preexistentes no espaço urbano e condição de propor uma nova maneira não só de interpretar o espaço, mas ocupá-lo, designando novas funções a estes espaços específicos.

O esforço teórico do presente trabalho tem como propósito investigar o *skate* de rua e suas contradições, para tanto, busca tencionar a investigação a fim de identificar ou não os limites do mesmo, enquanto prática sócio espacial. Portanto o limite da prática do *skate* de rua enquanto modo de apropriação do espaço se encerra no desvio e/ou transgressão a lógica da mercadoria somente durante sua realização? Ou o *skate* de rua, a partir do embate corpo-cidade, teria potência de criar novos espaços tendo como base o valor de uso e, portanto, opondo-se a lógica de reprodução capitalista da cidade, que se realiza enquanto valor de troca?



Figura 3: Capa Ed 213 – Vinicius Costa – Backside 360 sobre escadaria da Catedral da Sé.
Foto: André Calvão

A fim de propor um debate a partir de tais questionamentos é necessário se atentar para espaços produzidos por *skatistas* a partir de sua prática com base no uso e ocupação das ruas da cidade. Um exemplo marcante deste processo é a Love Park, uma praça localizada na cidade de Filadélfia nos Estados Unidos.

A praça, concebida no final dos anos 60, apresentava um uso heterogêneo até o final da década de 80. Porém, após as reformas econômicas de Ronald Reagan (redução dos gastos públicos e diminuição do controle da economia), o Love Park se tornou o principal ponto de agregação de novos moradores de rua decorrentes das reformas referidas como “Reagonomics”. Após uma década a praça se configurou como abrigo para os novos miseráveis americanos do neoliberalismo, *skatistas* começaram a frequentar uma praça que parecia ter sido feita sob encomenda para suas manobras. O espaço contava com um chão extremamente liso, bancos e bordas deslizáveis de diferentes alturas, escadas, vastos bulevares e a ausência de policiais ou de seguranças que pudessem atrapalhar as sessões. (BARBOSA, 2015, p. 17-18)

A ocupação da praça por *skatistas* deu um novo uso ao lugar, as características presentes na praça se mostraram como um atrativo para jovens, que passaram a fazer um uso constante da área. Contudo, como apresentado por Barbosa (2015) a prática do *skate* passou a ser coibida na área pelo poder público, que se “apropriou” do lugar dando um uso distinto ao desenvolvido pelos *skatistas*.

Entre os anos 2000 e 2016 *skatistas* resistiram na praça sob ameaça de multas e de ofensivas policiais, porém a total remodelação da praça - e consequente expulsão dos(as) *skatistas* - em função de um gigantesco estacionamento privado subterrâneo iniciou-se em 2016 (BARBOSA, 2015, p. 18).

Outro local ilustre para o *skate* de rua mundial é o *south bank* em Londres, onde se tem relatos de pessoas andando de *skate* desde a década de 60. O documentário Say Nuttin¹⁷ conta com um depoimento do *skatista* Benny Fairfax a respeito da disputa entre *skatistas* e o poder público britânico sobre o uso do *south bank*. Segundo o *skatista*:

Recentemente tentaram tirar de nós porque queriam construir bares e restaurantes, monetizar o espaço porque é um lugar muito turístico, muita gente passando por aqui durante o dia, a cidade queria tirar isso dos *skatistas* porque vale uma nota. Esse lugar é nosso! Nós nos mobilizamos por anos para não tirarem de nós e recentemente ganhamos a batalha.

Os exemplos apresentados de lugares em diferentes países, mas que seguem uma lógica semelhante, seja por parte dos *skatistas*, seja por parte do poder público apontam para um mesmo processo, ainda que distinto de acordo com determinadas características locais. Na cidade de São Paulo temos diversos exemplos de espaços que ao serem ocupados por *skatistas* passam a apresentar uma nova dinâmica no que diz respeito ao uso e ao público que passa a utilizar determinados equipamentos, antes abandonados e/ou precarizados.

O desenvolvimento de uma atividade criativa, como a construção de obstáculos e a ocupação de lugares abandonados remete ao “Do It Yourself” ou “Faça Você Mesmo”, mais um resquício da relação entre *skate* e *punk*, que se intensifica na década de 1990.

Mesmo com o desenvolvimento do skate como esporte profissionalizado, a prática nas ruas não desapareceu e fortaleceu-se no aspecto aqui explicado. Essa ideia (...) se define por conta da atitude que os *skatistas* têm de identificar e “criar” (“ressignificar”, “renovar”, “apropriar-se de” para uma nova função) espaços interessantes para a prática (OLIVEIRA, 2018, p. 29).

¹⁷ Say Nuttin. Direção de Rasputines, Don Cesão e Rodrigo Tx. Produção de Nicole Balestro. 2019. (31 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bvqZLEGYUes>. Acesso em: 12 fev. 2020.

O “DIY” populariza-se no universo do *skate* de rua e diversos grupos de *skatistas* passam a projetar obstáculos pelas ruas da cidade, em equipamentos subutilizados como quadras de futebol, canteiros, *guard rails*, etc. A incorporação de tais práticas a cultura do *skate* permite o desenvolvimento de um senso de solidariedade entre os praticantes e a noção de comunidade, onde enquanto coletivo passam a construir novos espaços e práticas sócio espaciais que reivindicam a cidade enquanto obra social.

3-POESIA DE CONCRETO: RELATOS SOBRE OCUPAÇÃO E USO DO “BECO DO VALADÃO”

O local escolhido para realização do estudo de campo foi o “Beco do Valadão”, um desdobramento da Operação Urbana Consorciada Faria Lima (Lei 13.769/04), que surge após o alongamento da Avenida Faria Lima e a reforma do calçamento da mesma, intervenção prevista no projeto de Lei supracitado. De acordo com o discurso institucional:

A Operação Urbana é um instrumento previsto no artigo 152 da Lei Orgânica do Município, pelo qual certas operações são desenvolvidas pela iniciativa privada e pelo poder público, com coordenação deste, visando “a melhoria do padrão de urbanização, maior rapidez de execução e menor volume de recursos público”. (CARLOS, 2001, p. 108-109).

A atuação da iniciativa privada tendo o Estado como mediador deste processo revela um caráter perverso a respeito do instrumento urbanístico supracitado. Como apresentado por Carlos (2001) as intervenções urbanas são instrumentos importantes no que diz respeito ao processo de valorização do solo urbano e consequentemente a produção e reprodução do espaço na metrópole. Portanto, nota-se a que a Operação Consorciada Faria Lima:

(...) aparece como necessidade imposta pelo processo de transformação da metrópole, associado ao fenômeno que transforma o espaço em raridade, em função da existência da propriedade privada do solo urbano. Nesse contexto, a OUFL, revela a importância estratégica do espaço para reprodução do capital em uma economia globalizada. (CARLOS, 2001, 85-86).

Nesse sentido, evidencia-se a importância do espaço para a reprodução do capital tendo o Estado como mediador deste processo, eliminando barreiras ao desenvolvimento do capital, mas sem eliminar as

contradições presentes no processo de reprodução espacial. A respeito da OUCFL, destaque-se o fato da mesma ser a primeira Operação Urbana a adotar um novo modelo de Outorga Onerosa pelo Direito de Construir (OODC), aprovado em 1995 pela gestão Maluf, tendo o Certificado de Potencial Adicional Construtivo (CEPAC)¹⁸ como eixo central para o desenrolar da Operação Urbana. Segundo Stroher (2017):

O Cepac é mais um dos produtos financeiros que pretendem conectar os interesses dos agentes do mercado imobiliário (proprietários de terra, construtoras, incorporadoras, empreiteiras) e do mercado financeiro (possíveis investidores), ao mesmo tempo que visa prover os governos locais com recursos para financiar bens públicos. (p. 460).

Sendo assim, cria-se a possibilidade de um novo tipo de especulação imobiliária, associada a financeirização e a (re)produção do espaço. Contudo, se por um lado nota-se o desenvolvimento de mecanismos e instrumentos urbanísticos a fim de atender a lógica da mercadoria tendo como fundamento a propriedade privada do solo urbano, por outro observa-se o desenvolvimento de práticas sócio espaciais que transgridem esta ordem hegemônica e apontam para uma possibilidade associada a apropriação de espaços tendo como base o valor de uso. A realização da Operação Urbana Faria Lima (OUFL) na metrópole de São Paulo atenda a determinados interesses e:

(...) acabou por representar a conquista de importante parcela do espaço, antes ocupado por residências, que, ao se libertar das amarras impostas pela propriedade privada, pode ser lançado novamente no mercado imobiliário (...) Nesse contexto os promotores imobiliários se servem do espaço como meio para a realização da reprodução (CARLOS, 2001, p. 16).

¹⁸ Segundo Stroher (2017) “são títulos comercializados na bolsa de valores, em leilões públicos, que podem ser comercializados em mercados secundários, antes de serem vinculados a um empreendimento.”.

As contradições presentes no processo de reprodução espacial não são eliminadas ou extintas da cidade e do contexto urbano. Para Lefebvre a cidade depende das relações entre pessoas e grupos que compõem a sociedade.

Ela [a cidade] se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de ordem próxima (relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a ordem distante, a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma “cultura” e por conjuntos significantes (LEFEBVRE, 2001, p. 52).

A realização da Operação Urbana Faria Lima como instrumento necessário para a reprodução do capital em uma economia globalizada responde ao que Lefebvre (2001) caracteriza como Ordem Distante, tendo a tutela do Estado como parte do processo de (re)produção do espaço na metrópole a partir da mercadoria, consolidando a cidade enquanto negócio. Contudo, como apresentado anteriormente, a história não é linear e apresenta diversas contradições em seu desenvolvimento (apropriação/propriedade, valor de uso/valor de troca), portanto, no que diz respeito a OUFL não seria diferente, vide um de seus desdobramentos: O “Beco do Valadão”.

Segundo o jornalista Eduardo Ribeiro¹⁹, da Revista Vice, o que era uma travessa sem saída da Avenida Faria Lima, a Rua Matias Valadão (Figura 4), teve sua via de acesso fechado após o alargamento da via principal e a reforma das calçadas, previsto na OUCFL (Lei 13.769/04). Tal processo transformou de maneira impactante a região, alterando a paisagem local, em especial no nível das vias e calçamentos.

¹⁹ Matéria na íntegra disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/3kvdbk/sera-o-fim-do-beco-do-valadao



Figura 4: Rua Matias Valadão, em Fevereiro de 2010, antes a reforma do calçamento prevista na Lei 13.769/04. Fonte: Google Maps

O que antes era asfalto, vide a figura acima, recebeu uma cobertura de cimento, nivelando a rua na altura das calçada (Figura 5), dando possibilidade ao início do processo que viria a transformar a convencional Rua Matias Valadão em “Beco do Valadão” .

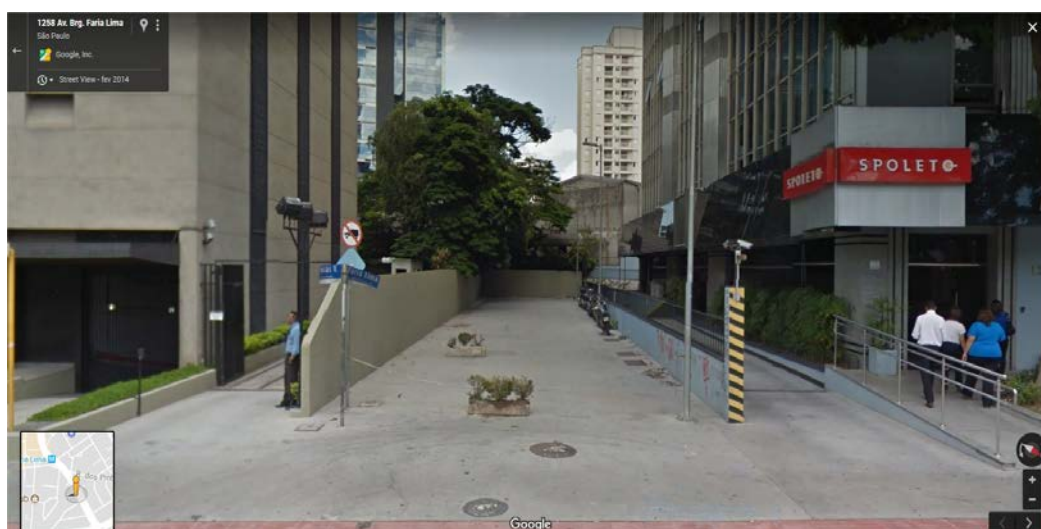


Figura 5: Rua Matias Valadão, em fevereiro de 2014, após a reforma das vias prevista na Lei 13.769/04. Fonte: Google Maps.

A fim de investigar como se deu o processo de ocupação e uso do “Beco do Valadão”, respeitando todos os sujeitos envolvidos ao longo de seu desenvolvimento - de rua a “beco”- buscou-se dialogar com *skatistas* locais que participaram de forma ativa deste movimento, tendo como

objetivo a construção de um espaço singular em meio a uma região caracterizada pela acumulação de prédios, carros, fluxos e mercadorias. Para tal entrei em contato com o Coletivo Rua Ativa²⁰ e pude conhecer João, e posteriormente, por intermédio do mesmo, o Campello.

²⁰ Coletivo de *skatistas* que por meio do “Do It Yourself”, de forma autônoma, ocupam as ruas da cidade a partir da construção de obstáculos de *skate*.

3.1- DE RUA A “BECO DO VALADÃO”

O “Beco do Valadão” emerge como um desdobramento da Operação Urbana Consorciada Faria Lima, um instrumento urbanístico tido como necessário para a reprodução do capital, evidenciando o aspecto contraditório presente no processo de produção espacial da cidade. Tal processo, marcado essencialmente pela reforma do viário da Av. Brigadeiro Faria Lima, deu origem a uma área única, composta por características que despertaram a atenção de *skatistas*, dentre elas destaca-se o fato de não existir o tráfego de veículos na via em questão e o chão liso. Segundo Machado (2011) às características ideais destacadas por skatistas para a escolha de um lugar que permita a prática do mesmo são: Chão de ida, obstáculos e chão de volta.

Um pico²¹ perfeito para os skatistas é aquele que conta com chão da ida e da volta com um considerável espaço de superfície plana e lisa, propícia para pegar impulso, e também, com um obstáculo feito de materiais que possibilitem boas condições de se mandar uma manobra, como por exemplo, um banco de mármore ou um corrimão sem travas (MACHADO, 2011, p.114).

As características qualitativas do espaço apresentadas por Machado (2011) são de fato lidas rapidamente por *skatistas*, vide o relato de João ao ser indagado sobre como fora seu primeiro contato com a, até então, Rua Matias Valadão:

Cara... eu colava na Faria Lima, né? Tipo... a Faria Lima recapeou toda a calçada e ficou tipo a Paulista, né? E teve vezes que eu passava lá na frente e via aquele beco lá, chão liso... eu tirava solo lá, só que eu colava pouco na Faria Lima. Depois de uns meses eu coleí de novo e lembro que tinha umas cadeiras, caixa de feira, que eu

²¹ Segundo Machado (2011) “pico é um termo nativo que evoca espaços compostos por equipamentos urbanos, que se tornam obstáculos nos quais são realizadas manobras. Também são definidos pelos skatistas como *lugares skataveis* (...)”.

vi que o pessoal estava andando... passou mais algum tempo eu fui ver já tinha dois palcos lá e quando eu coleí de novo já estavam andando... (João Victor, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

Para Campello, não fora diferente, características como o chão liso e a impossibilidade de fluxo de carros na via chamaram a atenção do *skatista*:

Eu não lembro precisamente o ano, mas já tinham reformado a Avenida Faria Lima em um ou dois anos. Eu e um grupo de amigos estávamos andando de *skate*, a gente tinha o costume de ir até a esquina com a Juscelino e ficar andando pela Avenida, pela ciclovia, pelas calçadas que estavam muito legais, até que em uma dessas voltas a gente olhou um espaço todo cheio de folhas... era uma rua. A gente usou os galhos que estavam caídos pra varrer as folhas e pensamos: “**Cara, isso aqui é o paraíso, vamos andar aqui!**”, então começamos a andar lá pelo menos uma vez por semana e percebemos que outros skatistas começaram a usar o mesmo local... a gente via uns *wallrides*, um dos vasos quebrados e notamos que tinha mais gente andando ali na rua. E nisso a gente começou a conhecer outras pessoas que andavam lá, então a gente começou a frequentar a rua com maior frequência, praticamente dia sim dia não... por que eu morava aqui e tinha outros amigos que moravam perto, então a gente sempre andava junto... e nisso a gente foi formando um grupo de amizades, por que o skate tem isso, né? (Gabriel Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

Os relatos dos *skatistas* João e Campello, evidenciam que a ocupação do beco, constituído na Rua Matias Valadão, se deu de forma espontânea e criativa, reivindicando um espaço público, aparentemente inutilizado, como lugar de encontro a partir do desenvolvimento da prática do *skate*. Tal forma de apropriação do espaço se opõem à racionalidade técnica que permeia as cidades contemporâneas e a lógica da

propriedade, revelando a contradição uso/troca presente no processo de produção do espaço urbano. A atuação coletiva dos *skatistas* locais corroboram com a insurreição do uso (SEABRA, 1996) a partir de uma prática sócio espacial, visto que ao ocuparem o espaço e propor um novo uso para o mesmo a partir da construção de obstáculos e manutenção do local, constrói-se também uma noção de identificação com o espaço a partir do vivido, como exposto:

Eu fiquei sabendo por um terceiro que alguns caras queriam construir um *palquinho* no canto, o que viria a ser o primeiro obstáculo do Beco. Eu lembro que no dia eu cheguei atrasado e eles já tinham começado a construir, lembro que tinha já alguns caras e um principal que foi quem injetou a *grana*. Nisso a gente se juntou e disse: “Esse vai ser nosso teste, se ninguém reclamar... vamos continuar usando. ”. Dai passou um mês da construção desses primeiros obstáculos e a gente falou: “pronto, é nosso”, e começamos a levar, tipo... um *banquinho* que a gente encontrava no lixo... levava e usava como obstáculo, o lugar tinha um solo perfeito, uns vasos... (Gabriel Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

A ocupação coletiva do espaço e a consolidação de uma noção de comunidade a partir da prática do *skate* de rua possibilitou aos sujeitos reivindicarem o espaço como um lugar de encontro. A construção dos obstáculos e as reuniões frequentes alteraram no plano local, da vida cotidiana, o funcionamento de uma fatia determinada do espaço, o que tende a consolidar este processo é a “transformação” da Rua Matias Valadão em “Beco do Valadão”. De acordo com Campello a “fundação” do *pico* que viria a se chamar “Beco do Valadão” ocorreu de maneira espontânea, como consequência do processo de ocupação do espaço:

A gente já tinha os obstáculos lá [no Beco], já tinha se apropriado daquele espaço a um ano, por que a gente conseguiu construir um grupo de amigos apaixonados por aquele lugar, tanto que o tema de virar “Beco do Valadão” foi muito louco, por que o nome não era esse,

a gente chamava de *generics*, *mini berrics*... O que acontece é que o Chico Luna, que é um grafiteiro, ele ficou pilhado e meteu um Valadão na parede e depois alguém colocou do lado Beco, então depois disso todo mundo começou a chamar o pico de Beco do Valadão...(Gabriel Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

O processo de ocupação dos *skatistas* da Rua Matias Valadão se materializa de forma concreta a partir de práticas que escapam a performance sobre o *skate*, como por exemplo a organização de grupos para construção de obstáculos (Figura 6), limpeza e manutenção do local, etc. E também de maneira abstrata, a partir da noção de pertencimento constituída a partir das práticas dos próprios *skatistas* como, desde a escolha de um nome para o *pico* até os *rolês*.

O *skate* de rua, enquanto cultura opositora (WILLIAMS, 2011) , revela-se como tal a partir da prática como apontado por Campello, ocupando brechas urbanas e resistindo a lógica hegemônica de (re)reprodução do espaço:

(...) a gente ocupou um espaço que estava morto, a gente fez como um fungo, por que o *skate* é isso, a gente ocupa um espaço que tá morto, dá uma vida pra ele e eles vão lá e higienizam... tanto a Prefeitura, tanto as marcas, tantas as lojas... todo mundo... quem não anda de skate, não consegue entender que ele é uma ferramenta de reinterpretar espaço. A gente pega um espaço que não tem nenhum significado, que é só um banco, e aquele banco se torna o banco que o fulano mandou um Noseblunt... aquele lugar repercute em vários lugares, cria uma memória. (Gabriel Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

O relato do Campello, citado acima, a respeito da ocupação da Rua Matias Valadão e seu processo de transformação em “Beco do Valadão” tendo como força motriz a atuação de *skatistas* de rua no âmbito local evidencia as disputas e tensões presentes no espaço urbano - assunto

que será tratado com maior atenção nos capítulos subsequentes - como apontado por Lefebvre (2001) e Carlos (2001).



Figura 6: *Skatistas* reunidos no “Beco do Valadão” para a construção de obstáculo.
Fonte: <https://www.instagram.com/becodovaladao/>

Nesse sentido a prática do *skate* de rua, como pode ser observada, tendo como base sua forma singular de interpretação e apropriação do espaço urbano permite explorar novas possibilidades, abrindo caminho para práticas que alteram o uso e funcionamento de determinados espaços, ocupando brechas, gerando tensões e rebeliões no âmbito do cotidiano que questionam a lógica da metrópole.

3.2- DINÂMICAS E USOS DO “BECO”

O “Beco do Valadão” encontra-se localizado em uma rua paralela, em meio a grandes edifícios empresariais, próximo ao Largo da Batata e a estação de Metrô Faria Lima. Sua localização privilegiada, associado aos obstáculos originais, fez com que o *pico* se popularizasse de maneira rápida, culminando em um grande fluxo de *skatistas* no local durante diferentes horários e dias da semana. Contudo o uso do “Beco” não estava restrito a *skatistas*, sendo utilizado também por motoboys, pedestres, transeuntes, trabalhadores dos arredores, *food trucks*, etc, o que desembocará invariavelmente em algumas disputas. O uso diverso do espaço é confirmado por João, ao descrever os diferentes tipos de *skatistas* que frequentavam o “Beco”:

No “Beco” tinha de tudo... a Faria Lima não é tão centro, mas tem o metrô perto, então tinha um fluxo de gente muito grande e ali também tem muita empresa, então muita gente trabalhava e já ia andar de skate no Beco. Então tem a galera que eu conheci, que andava sempre no mesmo horário, mas tem muita gente que colou... já colou uns *pro*... teve evento da adidas que a gente ajudou... mas é algo muito amplo, iam desde crianças lá do clube Pinheiros até uns caras mais velhos, já vi uns caras de long... que quando a gente fez o wallride queria ir lá andar... uns caras mais de vert... (João Victor, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

O relato de João é corroborado por Campello, visto que ambos frequentavam o “Beco” em horários semelhantes, com preferência para o período noturno, após o trabalho. Contudo, Campello chama atenção para demais grupos que frequentavam o espaço em outros horários, segundo o mesmo:

(...) a *playboyzada* do Clube Pinheiros, criança, vinha tudo em peso andar aqui, os moleques que moram tudo na Nova Europa, Nova Conceição, que os pais são tudo

magnata, os moleques vinham andar. Mas ao mesmo tempo tinha o *Azeitoninha*, que era um morador de rua e a gente juntou umas peças e deu um skate pra ele, então isso tudo era muito louco: Um morador de rua, começar a ter disciplina no lugar pra ganhar um skate e começar a andar com a gente... (Gabriel Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

A localização do “Beco” permitiu com que aos frequentadores o contato com os mais diversos grupos sociais tendo, em sua grande maioria, a prática do *skate* como elemento central desta dinâmica. Para além dos *skatistas* o espaço também era utilizado por motoboys, que aproveitavam do espaço para estacionar seus veículos, funcionários dos escritórios, que durante as pausas no serviço utilizavam os obstáculos do “Beco” como área de convivência e os *food trucks* e seus consumidores (Figura 7).



Figura 7: Consumidores dos foodtrucks localizados no “Beco do Valadão” utilizando um obstáculo construído pelos *skatistas* como banco.

Fonte: https://www.vice.com/pt_br/article/78zeza/um-point-de-skatistas-na-faria-lima-foi-tomado-pelos-food-trucks

Para além do uso misto do espaço, por grupos distintos, o que também chama a atenção é a identificação criada pelos *skatistas* por este

lugar, resultando em uma noção de pertencimento. Segundo Campello esta noção é moldada a partir das experiências vivenciadas naquele local, das relações e trocas entre frequentadores. O mesmo dá um exemplo:

Sexta à noite, a gente ficava lá até umas 4,5 horas da manhã sorrindo, sabe? Ao invés de você ir ficar com a família, você ficava lá, por que lá estava muito legal... A gente chegava, fazia sessão, andava, ficava trocando ideia, andava mais um pouquinho, compartilhava tudo. Pô, a gente convenceu o Joca [skatista local] a fazer faculdade, sabe? Eram coisas muito construtivas, era tipo uma roda de conversa que fazia muito bem pra gente. Rolava bastante conversa sobre o que a gente estava fazendo ali com o Beco, uso dos espaços públicos, cada um dava uma perspectiva diferente... era um bagulho muito legal e se perdeu, a gente ficou órfão quando o Beco foi demolido... (Gabriel Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

As experiências e vivências decorrentes da prática do *skate* de rua no “Beco do Valadão” evidência que o processo de apropriação do espaço por parte destes sujeitos se dá tanto âmbito concreto quanto abstrato. Ainda que em escala local, no plano do cotidiano, nota-se a potencialidade da prática sócio espacial como forma de resistência à lógica da metrópole (CARLOS, 2001) ao resgatar o sentido da cidade enquanto obra social e não negócio.

4-ANDE DE SKATE E DESTRUA: TENSÕES EM TORNO DO “BECO”

“(…) A rua inteira vai parar
Quando eu começar a andar
A burguesia se trancando
E eu na calçada apavorando
Pisando nessa podridão
Vou agir de skate na mão.”²²

O capítulo anterior tratou de compreender como se deu a origem e o desenvolvimento do “Beco do Valadão” a partir dos relatos dos *skatistas* locais João e Campello, dando ênfase a dinâmica de funcionamento do espaço e seus usos, sem adentrar aos conflitos e tensões presentes ao longo dos cinco anos de existência do *pico*. Logo, o presente capítulo pretende abordar tais questões, relacionando-as a processos que estão para além da prática do *skate*.

A proposta de ocupar um espaço localizado no eixo empresarial-financeiro da capital paulista, produzido a fim de atender a necessidade constante de acumulação e reprodução do capital, em virtude das transformações do processo de produção (CARLOS, 2001), por si só já é conflituosa e revela contradições. A presença de *skatistas* de rua em paisagens de poder²³, como a Avenida Brigadeiro Faria Lima, revela a contradição propriedade/apropriação a partir de tensões e brechas presentes no espaço urbano.

Ao criarem pontos de tensão, eles revelam não apenas as relações de poder a que se submetem, mas também como tais avenidas enobrecidas de São Paulo são permeáveis às suas façanhas. Os *picos* expõem as contradições que perpassam as brechas do público e do privado e comunicam o local ao global por meio das

²² “Ande de Skate e Destrua”, faixa do disco de mesmo nome da banda punk Gritando HC.

²³ MACHADO, G. M. C. Mão na massa e skate no pé: práticas cidadinas nas novas centralidades paulistanas, Anuário Antropológico [Online], I | 2019, posto online no dia 06 julho 2019, consultado no dia 20 dezembro 2019.

captações de imagens, das representações de seus espaços e equipamentos que são propagados intensamente pelos skatistas. Todavia, os skatistas não se deixam sucumbir pelas frivolidades do urbano, tampouco ao gerenciamento da cidade enquanto mercadoria. Eles clamam pelo direito de se apropriarem de todas as suas partes, inclusive de terem acesso às suas centralidades, em vez de se verem dispersos ou confinados em seus respectivos bairros e *quebradas*. (MACHADO, 2019, p. 295)

A ocupação da Rua Matias Valadão e o processo de construção (Figura 8) do que viria a ser o “Beco do Valadão” não se dá de forma tranquila e linear, o mesmo é permeado de conflitos e tensões que se dão no âmbito do cotidiano, visto que este processo é tipo como uma resposta a (re)produção da cidade como mercadoria, como veremos a seguir.

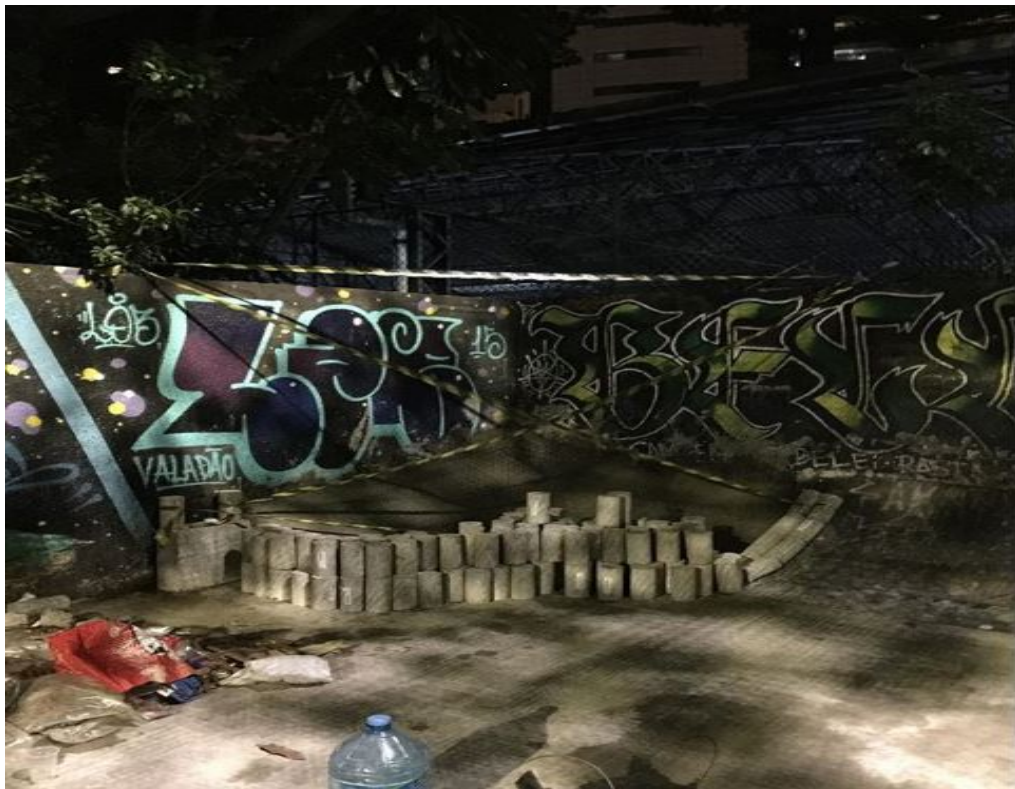


Figura 8: Construção de Wallride no “Beco do Valadão”.
Fonte: <https://www.instagram.com/becodovaladao/>

4.1-OPERAÇÃO URBANA CONSORCIADA FARIA LIMA, TENSÕES E CONFLITOS.

A OUCFL, como já fora discutido previamente, se constitui enquanto instrumento urbanístico a fim de atender as necessidades do capital a partir do processo de reprodução do espaço urbano. Segundo Carlos (2001) a análise de tal processo requer justaposição de diferentes níveis de realidade de modo articulado, sendo que:

(...) no plano do espaço mundial, aponta a virtualidade de seu processo de reprodução contínuo; no plano do lugar, expõe a realização da vida humana nos atos do cotidiano, como modo de apropriação que se realiza pelo uso, por meio do corpo; no plano da metrópole, ilumina a perspectiva do entendimento da cidade como obra humana, materialidade produzida ao longo da história, revelando-se como mediação entre os outros dois níveis (p.12).

Nota-se que os conflitos relatados ocorrem de fato no plano do lugar a partir da tensão corpo-cidade realizada através da prática do *skate* de rua. A raiz dos conflitos e tensões que envolvem o “Beco do Valadão”, por conseguinte, reside na contradição entre propriedade/apropriação, no plano do vivido, enquanto lugar dos embates entre os diversos grupos que compõem a sociedade (SEABRA, 1996).

A realização da Operação Urbana não se trata somente da abertura de uma avenida, mas da transformação de uma área da cidade para adaptá-la a exigência de determinados setores da sociedade (Fix, 2001). De acordo com Carlos (2001):

A localização dos modernos escritórios na cidade de São Paulo revela uma atividade que requer a concentração, o que gera uma centralidade efetiva. As exigências de um novo eixo empresarial na metrópole, em virtude do processo de produção, criam a

necessidade de um espaço determinado, com características que permitam não só o adensamento da região com a construção em altura, mas com moderna tecnologia, apoiada em densa rede viária, ligando pontos-chave da metrópole (...) (p.27).

A produção do espaço planejada a partir de demandas específicas de determinados grupos, sendo mediada pela atuação do Estado, possibilita que o espaço possa ser gerenciado como mercadoria, mascarando contradições e desigualdades constituintes da realidade urbana.

Dessa forma são criados diversos mecanismos para normatizar e ordenar as ocupações que se processam nas avenidas, a fim de manter coerência visual e espacial e um ambiente acolhedor sobretudo a profissionais do setor terciário, consumidores, turistas e grupos sociais mais privilegiados. Por conseguinte, são estabelecidos usos, funções, marcadores sociais e moralidades tidas como mais aceitáveis, ao passo que as que não se encaixam nas estratégias e pretensões são tratadas como desviantes, indisciplinadas e marginais e que por isso devem ser combatidas por estarem fora do lugar (MACHADO, 2019, p. 287).

Nesse contexto é que se dá a ocupação da Rua Matias Valadão, a prática do *skate* de rua escapa ao planejamento urbano racionalizado produtor de centralidades que atendem as exigências citadas acima. Sendo assim, tal prática é tida como estranha a determinadas localidades, portanto passível de ser reprimida. De acordo com Campello a repressão por parte do Estado era constante no “Beco”:

A gente tomou muito enquadro lá, principalmente na madrugada. A gente tomou um do GARRA lá, que eu nunca tomei um enquadro daquele... papo de mira de *laser* no peito. Nesse dia a gente tava virando massa de concreto, tinha até um morador de rua ajudando a gente,

pagamos uma janta pra ele. E esse dia foi muito louco, por que a gente tava feliz com o resultado do que estávamos fazendo e tomamos um dos enquadros mais cabulosos de todos. O carro do João tava no meio do Beco, os caras chegaram pedindo documento, revistando tudo, até que eu tomei a linha de frente tentando cativar os caras, né? (Gabriel Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

Ao ser questionado sobre o tema João, também relata ter vivenciado contratempos relacionados à atuação repressiva por parte da polícia enquanto estava no “Beco”. O *skatista* também comenta a respeito de conflitos envolvendo outros grupos:

É... lá sempre tinha problema com a polícia! Também já teve gente que atacou papel higiênico molhado... gritava... já foi cara conversar de terno com a gente reclamando do barulho... (João Victor, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

Dentre os diversos conflitos vivenciados por ambos ao longo dos anos de ocupação e uso do “Beco do Valadão” os entrevistados destacam que sempre que possível os *skatistas* locais buscaram a resolução dos conflitos de forma pacífica e de caráter conciliador, a fim de evitar que tais divergências pudessem vir a prejudicar a prática do *skate* no local. Tal postura se mostra efetiva, vide a forma como fora solucionada a disputa em torno do “Beco” travada entre *skatistas* e *food trucks*, tema de matéria da revista *Vice*²⁴ no ano de 2014 e confirmado por João e Campello. Segundo Campello a disputa com os *food trucks*, foi o primeiro conflito, ocorrendo durante os primeiros anos de ocupação da Rua:

Ah, então, teve o negócio dos *food trucks*, logo nos primeiros anos do “Beco” que foi muito chato pra gente por que eles não eram simpáticos, sabe? Eles falavam: “A gente paga o TPU, então a gente tem que usar esse

²⁴MASCHARENAS, A. “Um point de skatistas na Faria Lima foi tomado pelos food trucks”. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/78zeza/um-point-de-skatistas-na-faria-lima-foi-tomado-pelos-food-trucks

espaço” e a gente respondia dizendo que independente deles pagarem ou não a gente também pagava nossos impostos, então não é bem por aí que funciona, né? Nisso a gente [skatistas] já estava bem estruturado como coletivo, conhecia bem os nossos direitos, por que eu sempre pesquisei muito sobre e passava a informação pra todos, pra todo mundo saber debater na hora... Só que é difícil você tentar controlar um determinado grupo, por que o skate não é como uma empresa que você consegue comunicar e estipular hora. O skate surgiu da transgressão, do quebrar regras, né? Mas a gente entende que vivemos em sociedade, que existem regras a ser seguidas, a gente que é mais velho, mas... se você vai explicar isso pra um moleque de quinze anos, ele vai te xingar, independente de você ter o respeito do *pico* ou não. Então isso gerava conflito com alguns *food trucks*, por que rolava *wallride* em alguns carros, então era foda... [risadas] A gente sabia que iria dar merda... (Gabriel Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

O TPU (Termo de Permissão de Uso) ao qual Campello se refere diz respeito a um documento público de controle que permite a instalação de um comércio ambulante em vias e logradouros públicos.²⁵ De acordo com Machado (2019) a localização privilegiada da Rua Matias Valadão, enquanto extensão da Av. Brig. Faria Lima, apresenta-se como um chamariz para empresários, portanto a disputa entre tais grupos (empresário/skatistas) seria iminente. O autor ainda destaca que durante o ano de 2014:

A venda de comidas de rua tornou-se uma febre em São Paulo. (...) O crescimento de tal empreendimento influenciou a aprovação de um projeto de lei municipal que regulamenta não apenas suas atividades, mas também a ocupação das ruas e demais espaços públicos pelos carros (MACHADO, 2019, p. 297).

²⁵ Vide:

<https://sp156.prefeitura.sp.gov.br/portal/servicos/informacao?conteudo=3150>

O descontentamento com a situação conflituosa entre *food trucks* e *skatistas* era mútua, contudo, tal situação viria a ter um desfecho. De acordo com Campello, os *skatistas* frequentadores do local foram convidados a participar de uma reunião na Subprefeitura de Pinheiros com o objetivo de solucionar tal imbróglio, também foram convocados os responsáveis pelos *food trucks* e representantes dos edifícios comerciais vizinhos ao “Beco”:

A reunião foi bizarra... Os caras dos *food trucks* começaram a falar que estava acontecendo uma situação chata, os caras do prédio, que até então achavam que [os *skatistas*] era um bando de moleque, começaram a falar que tinha que acabar com tudo, que eles pagam imposto, que a gente estava atrapalhando o trabalho deles e que eles já tinham visto até mesmo de comprar o Beco... nisso eu nem tinha começado a falar ainda. A minha carta de entrada na [Subprefeitura com eles foi: “Bom, vamos lá, primeiro que o processo de desafetação é um processo complicado... é um processo que demora de cinco a seis anos, dependendo do judiciário. Você precisa da anuência do município, do Estado e da União, depois de passar por todo esse procedimento ele vai pra leilão e você pode ter certeza que se for pra leilão a gente tem dinheiro pra ofertar.”, essa fala quebrou eles no meio, por que os caras não estavam esperando... estavam esperando uns moleques. Então os caras olharam meio assim e eu disse: “olha... ao invés de vocês virem para a briga eu acho que a gente poderia achar uma forma legal de todo mundo compartilhar o espaço. Não precisa ser só *skate*, não precisa ser só *food truck* e não precisa ser uma área da qual vocês vão se apropriar, então a gente pode chegar a algo comum nesse espaço e conviver numa boa.” Nisso os caras da Prefeitura vieram junto comigo e os caras [representantes dos edifícios comerciais] ficaram com “sangue nos olhos”. Já os *food trucks* viram que a gente não iria abrir mão do “Beco” tão fácil, e tentou buscar um acordo em comum com a gente. Os caras do prédio fizeram de tudo pra quebrar a gente...

(Gabriel Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

Após tal reunião notou-se uma melhora no que diz respeito a convivência entre *food trucks* e *skatistas*, visto que os próprios *skatistas* passaram a mediar a situação e pregar uma convivência harmoniosas entre os frequentadores do local, chegando ao consenso de que o espaço deve ser compartilhado.

Apesar da resolução do conflito ter se dado de maneira conciliadora fora revelado qual o real embate em torno dessa disputa, onde agentes associados a iniciativa, representados pelos responsáveis pelos edifícios comerciais vizinhos ao “Beco”, se utilizam do poder público para atender às suas necessidades, visto que:

(...) a indisposição entre *skatistas* e *food trucks* parece ter sido fruto de uma estratégia criada por agentes ligados a prédios comerciais vizinhos à Rua Matias Valadão, os quais fizeram uma mobilização para que o local recebesse a instalação de um *food park*, iniciativa que contribuiria para gentrificar a área e, conseqüentemente, repelir a prática do *skate* (MACHADO, 2019, p. 299).

O episódio citado acima não só traz à tona a disputa entre grupos antagônicos que compõem a sociedade, mas, revela os embates acerca do uso do espaço a partir do confronto uso/troca. Para Seabra (1996, p. 79) “O conflito pelo uso do espaço estaria revelando a essência do processo social: a propriedade lutando contra a apropriação. ”

4.2-O “FIM” DO BECO DO VALADÃO”,

O embate entre propriedade e apropriação, apresentado por Seabra (1996) e retomado constantemente no decorrer do presente trabalho a partir das experiências vivenciadas por *skatistas* e demais grupos envolvidos no caso do “Beco do Valadão”. Apesar de alguns conflitos serem resolvidos a partir de mediações entre os sujeitos envolvidos, outros se mantêm e tendem a se intensificar.

A presença de *skatistas* de rua subverte a lógica racional de (re)produção do espaço na metrópole, que planeja e executa instrumentos e mecanismos urbanísticos a fim de atender necessidades de eficácia e controle permitindo a realização do processo de acumulação do capital, que de forma concomitante produz uma racionalidade hegemônica. De acordo com Carlos (2001) a superação da crise de acumulação do capital se dá a partir da (re)produção do espaço, que produz a cidade enquanto negócio.

Nesse sentido grupos associados a iniciativa privada sentem-se ameaçados pela presença de *skatistas* em determinados espaços, visto que estes se apresentam enquanto oposição ao processo acima citado, como pode ser observado a partir dos conflitos e tensões discutidos. Nota-se, portanto, uma predisposição por parte de agentes ligados aos prédios comerciais vizinhos ao “Beco” em boicotar e/ou sabotar a presença de *skatistas* na área. De acordo com Campello a relação com os representantes dos edifícios comerciais tornou-se insustentável após a troca de gestão da Prefeitura do Município de São Paulo, visto que até então o mesmo havia “chegado a um acordo com o síndico e com o zelador do prédio de que a gente tentaria entrar em um consenso de que se tivesse rolando muito barulho ele me ligava e eu iria até lá tentar resolver...”

A intensificação dos conflitos e tensões foi marcada pela troca de gestão da Prefeitura do Município de São Paulo, visto que ao final da gestão de Fernando Haddad (2013-2016) fora colocado o primeiro aviso

de demolição do “Beco”. Os *skatistas* a fim de resistir a demolição do lugar organizaram uma manifestação que contou com um grande número de adeptos devido a repercussão do caso em redes sociais, o que renderia uma reunião entre representantes do “Beco” e o poder público. De acordo com relatos:

Nós fomos conversar, conversa vai e vem... Nisso os caras começou a gaguejar e o cara da Prefeitura falou que a gente não iria chegar a uma solução... Depois me chamou de canto e falou: “Cara, a gente já está no final da gestão e não queremos *stress*, então organiza a manifestação e eu vou orientar o fiscal a não realizar a demolição se tiver muita gente... até dar entrada a um novo pedido vai demorar uns três meses, então eles não vão conseguir demolir.” Então a gente realizou a manifestação, andamos de *skate*, rolou *best trick* e não demoliram... a gente comemorou, falamos que o Beco seria eterno... beleza! (Gabriel Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

Após a troca de gestão o prefeito eleito João Dória (PSDB) nomeou para subprefeito de Pinheiros Paulo Matias, que de acordo com Campello teria iniciado um “conflito fudido” em torno do “Beco do Valadão”. Segundo o *skatista* já no primeiro mês de gestão fora realizada uma reunião entre os representantes dos prédios comerciais e o subprefeito de Pinheiros a portas fechadas e após um mês o “Beco” viria a amanhecer demolido.

A relação próxima entre poder público e setores associados à iniciativa privada pode ser notada a partir do relato acima. Segundo Carlos (2001):

(...) há uma lógica que tende a se impor como “ordem estabelecida” que define o modo como a cidade vai se reproduzindo a partir da reprodução, realizada pela ação de promotores imobiliários, das estratégias do sistema financeiro e da gestão política, às vezes de modo conflitante, em outros momentos de forma convergente, mas em todos os casos orientando e reorganizando o processo de reprodução espacial por meio da realização

da divisão socioespacial do trabalho, da hierarquização dos lugares e da fragmentação dos espaços vendidos e comprados no mercado (p.15).

No contexto apresentado observa uma confluência de interesses entre os grupos citados por Carlos (2001), tendo como objetivo repelir a prática do *skate* de rua a expulsando de uma centralidade produzida para atender as necessidades do capital em reproduzir o espaço enquanto mercadoria.

Em entrevista concedida ao jornalista Eduardo Ribeiro, da Revista Vice, Paulo Matias tenta justificar a destruição do “Beco do Valadão”²⁶:

Lá [no “Beco”] você tem um IPTU altíssimo, que é o imposto da Avenida Faria Lima, e as pessoas não conseguiam trabalhar. Eu visitei o prédio. Fui lá verificar como era o barulho. É insustentável. E não é barulho de madrugada, é duas horas da tarde. As empresas não conseguiam receber os seus clientes sem barulho.

O então subprefeito ainda afirma que “Existe lei, a cidade não é assim: faz o que quiser a hora que quiser. Tem uma regra para ser cumprida” e ainda deixou registrado não ter nada contra *skatistas*, visto que “adoro o esporte, um esporte olímpico, tem tudo para crescer no Brasil”. Os comentários do então subprefeito Paulo Mathias evocam diversas contradições debatidas ao longo da pesquisa aqui realizada, desde a mercantilização do espaço urbano até a associação do *skate* enquanto prática meramente esportiva.

A respeito da demolição do “Beco” tanto João, quanto Campello, afirmam ter ocorrido de forma autoritária, visto que não fora apresentado um aviso prévio referente ao procedimento. Segundo João:

O pessoal [funcionários da Prefeitura] foi lá e demoliu sem avisar... que isso até onde eu sei, por que o Campello me informou e ele é advogado, é errado por

²⁶ RIBEIRO, Eduardo. “Será o fim do Beco do Valadão?”. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/3kvdbk/sera-o-fim-do-beco-do-valadao

que eles têm que dar um aviso... uma cláusula... uma ação, pra fazer aquilo e principalmente quando se trata do governo, da Prefeitura, né? E não houve. Depois deu maior balela, a gente tentou lutar contra isso, rolou reunião com o Subprefeito e ele até admitiu que isso ocorreu, mas meio que foi isso e acabou... já era, destruiu e vai ter a reforma da fachada desse prédio durante um ano e depois a gente conversa. Só que a gente sabe que os caras fizeram isso pra tirar o skate, mesmo que eles arrumem o prédio e liberem de novo o espaço já deve ter alguma coisa na manga... fazer a construção de uma praça ou alguma coisa pra não ter skatista lá... (João Victor, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

O relato de João traz à tona o caráter autoritário e, portanto, antidemocrático adotado pelo Subprefeito no que diz respeito a tratativa referente ao “Beco do Valadão”. Ainda sobre a demolição do “Beco”, Campello descreve de maneira detalhada sua experiência no dia:

Lembro que estava o Brum, um *skatista* que andava com a gente, debatendo com o GCM e o GCM querendo levar ele em cana. Eu intervi dizendo que eles estavam errados, pedi pra me mostrarem o alvará de demolição e chamar o fiscal responsável... nisso uma menina entrou no carro e fechou a janela, eu fui atrás dela pedindo o alvará e nisso começou o debate. (...) Foi quando eu olhei tudo demolido, e caralho, cinco anos de história demolido... o quanto eu coloquei de dinheiro do bolso, sangue da minha mão, ta ligado? O quanto eu tive de bolha, quantas noites em claro, quantos enquadro sendo taxado de vagabundo sendo que era todo mundo trabalhador, po... na nossa *gangue* tinha médico, engenheiro, advogado, po, não éramos moleques... A gente chegou a um ponto que já estava tudo destruído e toda nossa história jogada por água abaixo na pilantragem, sem nenhum diálogo, os caras nem conversaram com a gente... só chegaram e demoliram, e eu falei: “Não, isso ta errado!” (Gabriel

Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, 2018).

De acordo com o mesmo a justificativa por parte do poder público para a demolição foi a reforma do prédio comercial vizinho ao “Beco”, o Edifício Conselheiro Paranaguá, visto que o espaço até então ocupado seria utilizado para a instalação dos andaimes a serem utilizados durante a obra.


A demolição do “Beco”, da forma que fora realizada, atendendo a interesses de determinados grupos e agentes sociais que tinham como propósito não só repelir, mas excluir de maneira efetiva a presença de skatistas na área em questão. A suposição apresentada pelos *skatistas* locais aqui entrevistados de fato se realizou visto que, após o término das obras referentes a fachada do Edifício Conselheiro Paranaguá, a Rua Matias Valadão será transformada em uma praça urbana através de um Termo de Doação no valor de R\$ 138.747,00 (Cento e trinta e oito mil reais) (Figura 8).

A respeito de tal processo destaca-se o objetivo apresentado pelo memorial descritivo (vide anexo E) de execução da Praça Urbana:

O presente documento tem por objetivo descrever o projeto de tratamento paisagístico da Rua Mathias Valadão, rua sem saída localizada na altura do número 1234 da Avenida Brigadeiro Faria Lima (...). Os principais objetivos que nortearam a concepção do Projeto foram: Contribuir para melhoria da qualidade de vida na cidade, criando área de lazer arborizada para uso público, com significativo ganho ambiental à cidade.

Os objetivos anunciados pelo escritório de arquitetura e engenharia responsável pela obra, a mando do Condomínio Edifício Conselheiro Paranaguá, vizinho da Rua Matias Valadão explicitam de maneira provocativa as contradições presentes no processo de produção espacial.

A expulsão de corpos estranhos a paisagens de poder²⁷ visa atender a uma demanda segregacionista associada a lógica da mercadoria e respaldada pela ação do Estado como mediador deste processo, permitindo a produção de um espaço normatizado a fim de atender a necessidades de grupos e forças específicas.


**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
SUBPREFEITURA DE PINHEIROS

TERMO DE DOAÇÃO Nº ____/PR-PI/2019

TERMO DE DOAÇÃO QUE CELEBRAM A PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, POR INTERMÉDIO DA SUBPREFEITURA DE PINHEIROS, COM CONDOMÍNIO EDIFÍCIO CONSELHEIRO PARANAGUÁ, OBJETIVANDO A DOAÇÃO DE SERVIÇOS PARA A TRANSFORMAÇÃO DA RUA SEM SAÍDA MATIAS VALADÃO.

DOADOR: CONDOMÍNIO EDIFÍCIO CONSELHEIRO PARANAGUÁ.
OBJETO DA DOAÇÃO: SERVIÇOS PARA A TRANSFORMAÇÃO DA RUA SEM SAÍDA MATIAS VALADÃO.
VALOR ESTIMADO DA DOAÇÃO: R\$ 138.747,00 (CENTO E TRINTA E OITO MIL, SETECENTOS E QUARENTA E SETE REAIS)
PROCESSO nº 6050.2018/0000140-0

A Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP, por intermédio da Subprefeitura de Pinheiros, com sede na cidade de São Paulo, Av. das Nações Unidas, nº 7.123, CEP 05425-070, doravante denominada simplesmente **DONATÁRIA**, neste ato representada pelo Prefeito Regional de Pinheiros, Sr. João Vestim Grande, nomeado em 17.01.2019 e **CONDOMÍNIO EDIFÍCIO CONSELHEIRO PARANAGUÁ**, com sede na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1234 – Pinheiros – São Paulo/SP, inscrito no CNPJ sob nº 54.936.521/0001-84, no ato representada por seu Síndico em mandato senhor Luiz Grandchamp, portador do RG nº 10.759.998-3 e CPF nº 990.552.448-72, doravante denominado **DOADOR**, com fundamento nos Decretos Municipais nº 40.384/2001, 48.909/07 e 52.062/10, resolvem celebrar o presente Termo de Doação, mediante as cláusulas e condições seguintes:

Av. das Nações Unidas, 7123 – Pinheiros – CEP 05425-070 – TEL. 3095-9595

Figura 9: Termo de Doação Nº ____/PR-PI/2019: Fonte: Prefeitura do Município de São Paulo, 2019.

²⁷ MACHADO, 2019.

5-CONSIDERAÇÕES

“O skate destrói, mas, de igual modo, também constrói a cidade.”²⁸

A prática do *skate* do de rua como forma de apropriação do espaço possui como característica central o embate corpo-cidade e consequente a maneira singular de interpretar, ressignificar e ocupar espaços, desenvolvendo-se como atividade criadora. Segundo Lefebvre (2001) o ser humano demanda de necessidades sociais de base antropológica, dentre elas destaca-se o que está para além da lógica da mercadoria:

Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividade lúdicas. Através dessas necessidades específicas vive e sobrevive um desejo fundamental, do qual o jogo, a sexualidade, os atos corporais tais como o esporte, a atividade criadora, a arte e o conhecimento são manifestações particulares e momentos, que superam mais ou menos a divisão parcelar dos trabalhos. (p. 105).

Nesse sentido, o *skate* de rua como fora aqui apresentado permite identificar o desenvolvimento de uma prática sócio espacial potente, que apresenta perspectivas e possibilidades para além da lógica da mercadoria, visto que a partir das relações sociais desenvolvidas através da mesma constitui-se uma oposição a uma racionalidade hegemônica que permite com que as mercadorias substituam as relações diretas entre pessoas.

No contexto investigado, a necessidade de apropriação do espaço e de tornar a cidade “sua” protagonizada por *skatistas* de rua no “Beco do Valadão” resgata o sentido da cidade enquanto obra social e não negócio. Ao se apropriar de uma centralidade financeira da metrópole,

²⁸ MACHADO, G. M. C, 2019

desdobramento de um instrumento urbanístico direcionado a atender as necessidades de (re)produção do capital, os *skatistas* criam relações a partir do uso transgredindo a lógica dominante, reivindicando a rua como lugar do encontro e consequentemente do possível.

Nas rebeliões situadas no cotidiano (SEABRA, 1996), baseadas no espaço vivido, nos embates entre propriedade/apropriação, nota-se o *skate* de rua como exercício do possível e/ou impossível a partir de uma prática portadora de potência criadora de novos espaços que se opõem de maneira radical a lógica da mercadoria gestados na tensão entre uso-troca presente no processo de reprodução espacial das cidades.

6-BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Theo de A. M. Q. Skate de rua e o corpo na cidade: Um estudo de caso a partir do centro da cidade de São Paulo. 2017. 57f. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BORDEN, I. 2001. Skateboarding, space and the city: architecture and the body. Oxford: Berg.

BRANDÃO, Leonardo. **A Cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**. Dourados: Editora Ufgd, 2011. 160 p. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jsp/ui/bitstream/prefix/1018/1/a-cidade-e-a-tribo-skatista-juventude-cotidiano-e-praticas-corporais-na-historia-cultural.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

BRANDÃO, L. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. Recorde: revista de história de esporte, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 01-24. dez. 2008. Disponível em: http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recordes/pdf/recordesV1N2_2008_15.pdf. Acesso em: 31 maio 2012.

CARLOS, A. F. A. Espaço-tempo na Metrópole: A fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

FIX, Mariana. **Parceiros da Exclusão**. São Paulo: Boitempo, 2001. 256 p.

HONORATO, Tony. A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre , v. 35, n. 1, p. 95-112, Mar. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Nov. 2019.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. Ed. Centauro. 2001.

MACHADO, G. M. C. De “carrinho” pela cidade: a prática do street skate em São Paulo. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MACHADO, G. M. C. Mão na massa e skate no pé: práticas cidadinas nas novas centralidades paulistanas , Anuário Antropológico [Online], I | 2019, posto online no dia 06 julho 2019, consultado no dia 20 dezembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/aa/3523> ; DOI :<https://doi.org/10.4000/aa.3523>

OLIVEIRA, Gabriel Verbena e, Prática Urbana: Skate - tensões do capitalismo e usos do espaço urbano. 53 p. Trabalho de Graduação Individual - Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2017.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008. 120 p.

SAY Nuttin. Direção de Rasputines, Don Cesão e Rodrigo Tx. Produção de Nicole Balestro. 2019. (31 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bvqZLEGYUes>. Acesso em: 12 fev. 2020

SEABRA, Odette. A insurreição do uso, in Henri Lefebvre e o retorno à dialética, (org) José de Souza Martins, 1996, ed. Hucitec.

SOB a aparente desordem. Direção de Murilo Romão. São Paulo: Flanantes, 2016. (15 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H-jjHmE9Z1g>. Acesso em: 7 ago. 2019.

STROHER, Laisa Eleonora Maróstica. Operações urbanas consorciadas com Cepac: uma face da constituição do complexo imobiliário-financeiro no Brasil?. **Cadernos Metrôpole**, [s.l.], v. 19, n. 39, p.455-477, ago. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2017-3905>.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 408 p.

ANEXO A

ENTREVISTA – João Victor

João Victor, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, São Paulo, 2018.

Tiago: A gente pode começar com uma apresentação... [risadas]

João: Eu sou o João, tenho 29 anos e ando de skate desde 2003. O *skate* pra mim é meu estilo de vida... desde vestir minha roupa, as músicas que eu escuto, o meu trabalho... eu sou operador de câmera, né? Então... gravei muito de *videomaker* de *skate*, acabei indo pra esse lado, fui pra emissora de TV. Minha esposa mesmo eu conheci por conta do skate... os amigos em comum, é tudo, tipo... relacionado, foi uma coisa ligando a outra, né?

Tiago: E o que você acha que é o skate? Você o vê como um lazer, um esporte, cultura?

João: É... um pouco de tudo. Eu encaro como uma terapia... como eu tenho filho e família, moro sozinho, tenho que pagar conta, trabalho e tal... eu sempre tento andar de *skate* pra ter um momento só meu e relaxar, ficar com os amigos, né? Eu já tive minha fase de “correr” campeonato, mas... agora eu gosto de andar pra meio que esquecer da vida, tentar só ficar de boa, um momento de reflexão das coisas e trocar ideia com os parceiros...

Tiago: E o coletivo Rua Ativa surge quando?

João: O Rua Ativa foi de 2015. A fundação foi eu e meu amigo Ricardo, eu conheço ele já de muito tempo... que a gente anda de *skate* junto. Ah! A gente sempre andou de *skate* e sempre filmou... sempre teve essa coisa de filmar, né? E a gente aprendeu muita coisa com o *skate*... eu conheci muitos lugares através do *skate*, fui até pra fora do país, inclusive só tive vontade de sair do país por conta de querer andar naquele *pico*... fui pra Barcelona e tal... e sempre deu bastante coisa, sempre voltou amizade, vídeo, alegria, manobra nova. Nisso a gente falou que seria legal fazer

algo pro *skate*, né? Por que assim... eu acho que tem que ter alguém do *skate* pra fazer as coisas associadas a ele, por que as vezes a Prefeitura ou alguém de alguma marca que não é vinculada com o *skate* não tem uma ideologia ao certo... faz uma rampa errada, faz uma coisa que não é o que o pessoal usa hoje em dia. Então um dia eu e o Ricardo estávamos tomando uma cerveja na casa dele depois de uma sessão e a gente pensou em montar, construir alguma coisa... por que *skatista* sempre constrói coisa, né? Eu pelo menos já andei em prédio de amigo meu e construí *palquinho* de madeira... não tinha dinheiro pra ir pro centro, então fazia o que dava na hora... andar de skate em alguma calçada. Assim a gente pensou em fazer algumas coisas pra molecada andar. Começamos a fazer coisa com madeira, estudamos pra fazer coisa com cimento e surgiu a ideia de fazer um coletivo... juntar um pessoal pra montar os obstáculos, que era o que a gente já fazia, mas oficializar, pra gente juntar uma grana e fazer. Quando a gente começou a fazer mesmo, percebemos que ficava muito caro... um obstáculo, mano, você gasta no mínimo de 300 até a 500 reais em um obstáculo pequeno... assim a gente viu que era da hora fazer, o pessoal que cola junto, os amigos, fica muito legal a *vibe*, mas... era inviável gastar esse dinheiro do bolso. Então a gente pensou em tentar vender umas camisetas e reciclar o dinheiro, né? Investe um valor e consegue pegar um material para os obstáculos. A gente tentou, fez uma cota... nós mesmos compramos, vendemos entre a gente e deu certo... daí começamos a filmar e tal, uma coisa foi encaminhando a outra. Desde 2015 a gente já fez, oficialmente nos vídeos, 15 obstáculos... mas tem mais, teve coisa que a gente não filmou... já ajudamos gente de outros lugares... nessas as pessoas começaram a colar, indicar *píco* que precisava de ajuda e começou a levar por si só. Claro que a gente ainda gasta dinheiro do bolso, a camiseta não supre todo o custo dos materiais de cada obstáculo, mas já ajuda... a gente tem projeto de fazer boné, *shape*, para ver se a gente consegue gerar mais lucro e gastar em novos obstáculos... por que a gente não ganha dinheiro nenhum, até hoje foi só benefício de obstáculo mesmo...

Tiago: E tem quantos integrantes no coletivo?

João: Que dá o braço mesmo uns cinco, mas que acompanha a gente e está no grupo do *Whatsapp* uns 20, 30, mas é meio que simpatizantes... mas tem muita gente. Por exemplo, lá no “Beco do Valadão” teve uma vez que a gente estava andando de madrugada e um menino que foi andar, viu a gente reformando e parou para ajudar, só que até hoje eu não vi mais esse moleque... mas já me ajudou e tem gente que conheço desde a infância e nunca botou a mão na massa, tá ligado? Isso é legal, o Rua Ativa acaba me ensinando outras coisas também... você vê que tem moleque que tem a intenção de andar de *skate*, anda até bem, mas se for ver, para mim, *skate* não é só manobra... é muito a atitude... você tem que ter o respeito do pessoal.... Com o Rua Ativa acabei tem uma visão muito mais ampla de tudo, tá ligado? De *skatista* com o *skate*...

Tiago: E como é a escolha dos picos que vocês fazem intervenção? Como vocês escolhem os lugares para fazer obstáculos... tem alguém que dá um salve ou vocês já têm algum lugar em mente?

João: Depende, teve lugar que a gente... tipo... na USP foi um calculado, o primeiro que a gente filmou...

Tiago: Vocês já andavam lá? Já tinha andado lá?

João: Já andei lá... já tinha andado lá... inclusive o Ricardo, o que fundou [o coletivo] comigo, falou para fazer na USP que é fácil, tal, e a gente só colocou uma cantoneira numa borda lá na Praça do Relógio. Já aconteceu de darem um salve no *Instagram* e fui ver o pico, conhecer o menino... falo com ele até hoje, o Lucas, e fiz o pico lá no Shopping Morumbi... uma borda, só que infelizmente demoliram. Como já teve também o da Praça Diná... na Praça Diná estava meio jogada e tal, a gente foi mexer lá... então de qualquer forma a gente tenta, tanto da pessoa me dar um salve ou da gente mesmo ver a necessidade de um lugar... o que vier a gente tenta fazer, ver se está no nosso alcance, né?

Tiago: E é sempre um pico que alguém já andou?

João: Não, já teve pico que a gente nunca andou. O Taboão, por exemplo, foi um pico inédito... um amigo meu falou que passava por lá voltando da escola e era meio que uma rampa subindo, era uma fábrica lá, não sei... Ele falou que sempre teve vontade de andar lá, mas o chão era todo quebrado, todo zoadado e eu fui lá ver... mano, nunca ninguém tinha andado de skate lá e a gente resolveu fazer, esse ficou... mas ficou um *spot* meio difícil. Mas rolou, foi um bagulho bem de louco, meti o louco total... lá no Taboão, longe pra caralho... Mas já teve de tudo...

Tiago: No caso do “Beco”, por que vocês escolheram colar lá? Vocês chegaram já existia ou vocês que começaram o pico?

João: Cara... eu colava na Faria Lima, né? Tipo... a Faria Lima recapeou toda a calçada e ficou tipo a Paulista, né? E teve vezes que eu passava lá na frente e via aquele beco lá, chão liso... eu tirava solo lá, só que eu colava pouco na Faria Lima. Depois de uns meses eu coleí de novo e lembro que tinha umas cadeiras, caixa de feira, que eu vi que o pessoal estava andando... passou mais algum tempo eu fui ver já tinha dois palcos lá e quando eu coleí de novo já estavam andando e acabei conhecendo os meninos que fizeram as coisas. O “Beco”, na real, a gente já tinha o Rua Ativa e resolveu fazer alguma coisa lá... Só que eu meti o louco, fiz a fita até meio errada e acabei aprendendo, aí que conheci o Campello, um dos cabeças do Coletivo Beco do Valadão. Eu fui com o Ricardo montar um corrimão lá, não tinha nenhuma trave lá... A gente já chegou pra furar o chão, já chegamos com tudo, só que os caras estavam andando lá no dia... eu nunca vi os caras na vida e quando fui montar o bagulho os cara estava lá... [risadas]. O Campello veio falar comigo, perguntar quem eu era... expliquei do Coletivo, ele também se apresentou, e acabamos montando o corrimão junto. Ali para a frente eu já entrei no grupo, comecei a andar de skate com os caras e a gente foi montando outros, fazendo coisas até fora do “Beco”, por que os meninos tinham a mesma ideologia que eu... eles faziam tudo no DIY [Do it yourself] e a gente virou amigos... todo mundo começou a bater as ideais e só somou, parece que a família

cresceu dali. Tanto que depois teve o problema da repressão com o Paulo Matias, o Subprefeito de Pinheiros, a gente ajudou a resistir na primeira tentativa de destruição do “Beco”...

Tiago: Mas antes de chegar nesse limite de destruir o pico você tem ideia de quem usava lá? Quem colava para andar no “Beco”?

João: Tinha de tudo... a Faria Lima não é tão centro, mas tem o metrô perto, então tinha um fluxo de gente muito grande e ali também tem muita empresa, então muita gente trabalhava e já ia andar de *skate* no “Beco”. Então tem a galera que eu conheci, que andava sempre no mesmo horário, mas tem muita gente que colou... já colou uns profissionais... teve evento da adidas... mas é algo muito amplo, iam desde crianças lá do Clube Pinheiros até uns caras mais velhos, já vi uns caras de long... que quando a gente fez o *wallride* queria ir lá andar... uns caras mais de *vert*...

Tiago: E você tem ideia da dinâmica? Tipo que horário colava mais gente?

João: Com certeza depois do trabalho, né? Das seis até... a noite. Mas assim, na parte da manhã e no horário do almoço tinha gente, só que era a molecada... o pessoal de colégio, mais novo... tipo, em todo o momento tinha gente andando lá. Chegou um momento que a gente conseguiu montar os obstáculos em uma linha legal...

Tiago: O fluxo de gente era grande lá então...

João: O fluxo ficou muito grande... ficou bem cheio lá.

Tiago: E antes de ter o Beco... você sabe dizer qual era o uso que davam para aquele espaço?

João: Antes de recapear a calçada e ficar liso, aquilo ali era uma rua sem saída, né? Só que era de paralelepípedo, então era praticamente um estacionamento de carros.

Tiago: E depois da reforma... já começaram a andar?

João: É... como eu falei, né? Um dia eu fui lá e tirei *solo*, outro dia já tinha os obstáculos soltos... tipo improvisados e depois quando eu fui ver já tinham montado coisas lá... um *manual*, um palco pequeno e foi crescendo...

Tiago: E o conflito com a Prefeitura? Você tem noção de quanto tempo depois da construção do Beco ele começou?

João: Eu acho que durou uns dois anos, no máximo três anos... acho que por ai, uns dois anos e meio...

Tiago: E foi direto para o confronto como você falou? Sem muito diálogo?

João: É... sempre tinha problema com a polícia, já teve gente que atacou papel higiênico molhado... gritava... Já foi cara conversar de terno com a gente reclamando do barulho...

Tiago: Então começou por conta de uma reclamação das pessoas que trabalhavam ali nos arredores?

João: Isso... dos moradores também, não só dos prédios ao lado...

Tiago: E a atuação da Prefeitura chega através desses caras?

João: Isso... por que assim...também teve a parte da prefeitura que tinha uma gestão, que era até um argentino que gostava muito de *skate* e adorava o que a gente fazia lá, então ele manteve a gente durante um tempo.... Quando ele saiu, na troca de gestão, mudou tudo... mudou prefeito, mudou o pessoal que cuida lá do SP Urbanismo, sei lá... e a gente estava no meio lá no meio da bagunça... já participei de reunião na prefeitura e tal. Quando esse cara saiu até hoje eu não soube o cara que substituiu ele, mas foi na mesma época que teve aquilo que te contei... tentaram destruir, colocaram um aviso, a gente colou lá na frente das máquinas na data que foi imposta e não demoliram, mas depois de pouco tempo o pessoal foi lá e demoliu sem avisar... que isso até onde eu sei, por que o Campello me informou e ele é advogado, é errado por que eles tem que dar um aviso... uma cláusula... uma ação, pra fazer aquilo e principalmente quando se trata do governo, da Prefeitura, né? E não

houve. Depois deu maior balela, a gente tentou lutar contra isso, rolou reunião com o Subprefeito e ele até admitiu que isso ocorreu, mas meio que foi isso e acabou... já era, destruiu e vai ter a reforma da fachada desse prédio durante um ano e depois a gente conversa. Só que a gente sabe que os caras fizeram isso para tirar o *skate*, mesmo que eles arrumem o prédio e liberem de novo o espaço já deve ter alguma coisa na manga... fazer a construção de uma praça ou alguma coisa para não ter *skatista* lá...

Tiago: E esse corre da demolição? Vocês foram lá, conseguiram impedir e na segunda vez eles fizeram sem notificar ninguém, mas, mesmo assim, vocês ficaram sabendo e foram até lá. Conta como foi todo esse corre...

João: Eu só fiquei sabendo por que a minha esposa trabalhava na Faria Lima, um dia ela passou na frente e me avisou que eles estavam lá destruindo tudo. Ela entrava no trabalho umas 8h... os caras devem ter chegado lá umas 6, 7 da manhã. Então ela me avisou, eu avisei os meninos do grupo e a gente colou lá, mas quando eu cheguei já estava destruído... os caras já fizeram o processo na surdina total. Viram que na primeira tentativa a gente não ia deixar e na segunda eles perceberam que tinha que ser feito de qualquer jeito... na primeira vez tinha criança, tinha gente mais velha, então acho que pegou um pouco do emocional e na segunda vez eles fizeram desse jeito para não acontecer a mesma coisa de novo. Tem até vídeo, eu tenho tudo registrado... a gente conseguiu resgatar só o ferro dos obstáculos, que foi o que eles liberaram para a gente... quebraram o concreto e falaram que podia levar o ferro ... Aí foi *corre* de ligar para o pessoal, ver quem tinha carro grande na época e conseguia lá naquele horário pra buscar. A gente conseguiu pegar a maioria das coisas, que acabaram virando novos obstáculos lá na Laguna, na zona sul... mas a gente fala que a *vibe* do “Beco” ficou lá, né? O “Beco” tinha uma *vibe* muito legal, muito *style*... era pequenininho, mas tinha uma força muito grande. Tanto de conhecer os meninos, aprender manobra, andar lá por que tinha luz... andar de madrugada, andar de manhã...

Tiago: E você sabe como foi o desenrolar de todo esse processo final? Caso a reforma do prédio acabe, o Subprefeito chegou a dar uma resposta sobre o futuro do “Beco”?

João: Puta... eu acho... que como já rolou repressão, não vai rolar mais [skate no “Beco”]. Se acontecer, eu acho que vai ser algo legalizado... não DIY, vai ser uma pista toda certinha, tal... mas, pela minha experiência, eu acho que não vai rolar. Tanto que fizeram uma proposta de construir uma pista no Largo da Batata, não sei se você ficou sabendo de uma história dessa. Eles quiseram balancear, né? Tipo... destruímos o espaço de vocês aqui, mas vamos lá no Largo que é maior, tal. Bom... rolou reunião, colocou Murilo Romão, colocou eu, colocou aquele Esteban, colocou uma galera... falaram que iria ter patrocinador, foi na época da *Mountain Dew*, ta ligado que ia ter o “We Are Blood”? Eles estavam investindo pesado no *brasa*, então eles que bancariam o projeto, só que a ideia era fazer um monumento *skatavel* parecido com o que tem na Praça da Sé. Os caras fariam uma doação pro espaço, uma intervenção de arte *skatavel*... iria ser um negócio caro, a *Mountain Dew* queria entrar no Brasil de qualquer jeito e isso seria algo fenomenal pra eles... mas quando eles foram começar as obras a Prefeitura e a SP Urbanismo, não sei o que aconteceu, disse que era preciso fazer a reforma de todo o chão da praça... não só ao redor do monumento, mas de todo o Largo da Batata...

Tiago: Você lembra que ano foi isso?

João: Puta mano... foi bem na época do We Are Blood... Acho que foi mais 2017, por que em 2016 eu estava viajando, foi por aí... eu tenho os e-mails, posso dar uma olhada pra ter uma precisão. Mas mano, foi brochante total, por que a marca multinacional falou que iria fazer um bagulho muito louco, igual na Praça da Sé e lá na Sé é um bagulho natural que aconteceu, né? Aquele monumento *skatavel*, muito bonito... mas os cara sentaram em cima e o Largo está até hoje destruído, se você for lá ver o chão... como é de ladrilho ele quebra fácil, então, acabou tendo bosta nenhuma... no português bem claro... [risadas]

Tiago: E conta um pouco sobre os outros *pícos* que vocês fizeram com o coletivo...

João: Agora a gente está praticamente fixo na Laguna e na Dina, né? Eu moro relativamente perto de lá, então a gente vai tentar sempre manter, por se tratar de um lugar que a gente consegue montar sem problemas e não vai ter repressão de polícia e morador. Mas eu quero tentar fazer em outros lugares, ajudar o pessoal de outras regiões, tipo... zona leste... a gente já foi pra Taboão, São Vicente... então é tentar fazer onde o pessoal precisa de ajuda. E manter a pegada, sem querer lucro e nem nada, mais a amizade e ter um *píco* novo para andar, aprender uma manobra nova com os locais de lá e se divertir, né!? A ideia do projeto é fazer igual pixação, fazer São Paulo inteiro... tipo, dominar mesmo, por que quanto mais melhor.

ANEXO B

ENTREVISTA – GABRIEL CAMPELLO

Gabriel Campello, entrevista concedida a Tiago Rego Gomes, São Paulo, 2018.

Tiago: Se você quiser, pode começar dando uma perspectiva de como começou o rolê do “Beco”...

Campello: Eu não lembro precisamente o ano, mas já tinham reformado a Avenida Faria Lima em um ou dois anos. Eu e um grupo de amigos estávamos andando de skate, a gente tinha o costume de ir até a esquina com a Juscelino e ficar andando pela Avenida, pela ciclovia, pelas calçadas que estavam muito legais, até que em uma dessas voltas a gente olhou um espaço todo cheio de folhas... era uma rua. A gente usou os galhos que estavam caídos para varrer as folhas e pensamos: “Cara, isso aqui é o paraíso, vamos andar aqui!”, então começamos a andar lá pelo menos uma vez por semana e percebemos que outros *skatistas* começaram a usar o mesmo local... a gente via uns *wallrides*, um dos vasos quebrados e notamos que tinha mais gente andando ali na rua. E nisso a gente começou a conhecer outras pessoas que andavam lá, então a gente começou a frequentar a rua com maior frequência, praticamente dia sim dia não... por que eu morava aqui e tinha outros amigos que moravam perto, então a gente sempre andava junto... e nisso a gente foi formando um grupo de amizades, por que o skate tem isso, né? Até então eu fiquei sabendo por um terceiro que alguns caras queriam construir um *palquinho* no canto, o que viria a ser o primeiro obstáculo do Beco. Eu lembro que no dia eu cheguei atrasado e eles já tinham começado a construir, lembro que tinha já alguns caras e um principal que foi quem injetou a grana. Nisso a gente se juntou e disse: “Esse vai ser nosso teste, se ninguém reclamar... vamos continuar usando.”. Daí passou um mês da construção desses primeiros obstáculos e a gente falou: “pronto, é nosso”, e começamos a levar, tipo... um *banquinho* que a gente encontrava no lixo... levava e usava como obstáculo. O lugar tinha um solo perfeito, uns vasos... Passado um ano aproximadamente, começou

os TPU's (Termo de Permissão de Uso) dos *food trucks*, que virou uma moda... e puta que o pariu! Os caras ficavam com cinco carros no Beco, sendo um atrás do outro, ocupando tudo...

Tiago: E vocês já tinham construído os obstáculos?

Campello: A gente já tinha os obstáculos lá, já tinha se apropriado daquele espaço a um ano, por que a gente conseguiu construir um grupo de amigos apaixonados por aquele lugar, tanto que o tema de virar Beco do Valadão foi muito louco, por que o nome não era esse, a gente chamava de *generics*, *mini berrics*... O que acontece é que o Chico Luna, que é um grafiteiro, ele ficou pilhado e meteu um Valadão na parede e depois alguém colocou do lado Beco, então depois disso todo mundo começou a chamar o pico de Beco do Valadão, que até então a gente chamava de *berrics*, *generrics*, *generrics 2*

Tiago: Então a escolha do nome de “Beco do Valadão” foi algo espontâneo?

Campello: Puta, virou um bagulho do nada, só aconteceu por conta desse graffiti do Chico. E foi uma coisa muito natural por que ali era um espaço morto, tinha morador de rua que dormia, usava ali como banheiro, e a gente que limpava.... Ah, então, teve o negócio dos *food trucks* que foi muito chato para a gente por que eles não eram simpáticos, sabe? Eles falavam: “A gente paga o TPU, então a gente tem que usar esse espaço” e a gente respondia dizendo que independente deles pagarem ou não a gente também pagava nossos impostos, então não é bem por aí que funciona, né? Nisso a gente já estava bem estruturado, conhecia bem os nossos direitos, por que eu sempre pesquisei muito sobre e passava a informação para todos, para todo mundo saber debater na hora... só que é difícil você tentar controlar um determinado grupo, por que o *skate* não é como uma empresa que você consegue comunicar e estipular hora. O *skate* surgiu da transgressão, do quebrar regras, né? Mas a gente entende que vivemos em sociedade, que existem regras a serem seguidas, a gente que é mais velho, mas... se você vai explicar isso para um moleque de

quinze anos, ele vai te xingar, independentemente de você ter o respeito do *pico* ou não. Então isso gerava conflito com alguns *food trucks*, então era foda... A gente sabia que iria dar merda... [risadas]

Tiago: Então o primeiro conflito que você lembra foi esse com os *food trucks*?

Campello: Sim, foi o primeiro conflito, com uns dois anos de Beco. Eles colocaram um cartaz avisando, e eu tinha um colega na subprefeitura de Pinheiros que me ligou dizendo que meu nome surgiu como um dos que estavam na linha de frente do “Beco”... então a gente começou a discutir entre nós, com os principais que participavam do pico, da limpeza e decidiram que eu iria, mas eu não queria ir sozinho... então acabou indo eu, o *Delay* que trabalhava na *Bless* e depois foi trabalhar como gerente na Matriz e o João do Rua Ativa... e a primeira reunião foi bizarra...

Tiago: Essa primeira reunião já foi na Subprefeitura? E você lembra que estava lá?

Campello: Foi na gestão que era do Haddad, o diálogo era bem mais fácil... Eu não lembro precisamente, mas lembro que tinha a gente do *skate*, os *food trucks* e os caras dos dois prédios ao lado do “Beco”. Os caras dos *food trucks* começaram a falar que estava acontecendo uma situação chata, os caras do prédio, que até então achavam que era um bando de moleque, começaram a falar que tinha que acabar com tudo, que eles pagam imposto, que a gente estava atrapalhando o trabalho deles e que eles já tinham visto até mesmo de comprar o “Beco”. Nisso eu nem tinha começado a falar ainda. A minha carta de entrada na subprefeitura com eles foi: “Bom, vamos lá, primeiro que o processo de desafetação é um processo complicado... é um processo que demora de cinco a seis anos, dependendo do judiciário. Você precisa da anuência do município, do Estado e da União, depois de passar por todo esse procedimento ele vai pra leilão e você pode ter certeza que se for pra leilão a gente tem dinheiro pra ofertar.”, essa fala quebrou eles no meio, por que os caras não estavam esperando... estavam esperando uns moleque.

Então os caras olharam meio assim e eu disse: “olha... ao invés de vocês virem para a briga eu acho que a gente poderia achar uma forma legal de todo mundo compartilhar o espaço. Não precisa ser só *skate*, não precisa ser só *food truck* e não precisa ser uma área da qual vocês vão se apropriar, então a gente pode chegar a algo comum nesse espaço e conviver numa boa.” Nisso os caras da Prefeitura vieram junto comigo e os caras [representantes dos prédios] ficaram com “sangue nos olhos”. Já os *food trucks* viram que a gente não iria abrir mão do “Beco” tão fácil, e tentaram buscar um acordo com a gente. Os caras do prédio fizeram de tudo pra quebrar a gente... colocaram até corrente ali na frente...

Tiago: E qual era a reclamação deles?

Campello: Barulho! Sujeira e uso de entorpecentes. A treta que um dos prédios reclamava é que o pessoal pulava muito a escada preta e realmente era muito legal pular ali... [risadas] só que era foda... a gente tentou conscientizar a galera disso, mas acontece que o tempo foi passando e eles continuavam reclamando, sendo que toda vez eu ia até a subprefeitura e esclarecia, até chegar o momento que eu assumi um termo de responsabilidade pela Rua Matias Valadão. Ou seja, a partir desse momento ficou tudo nas minhas costas, qualquer merda que acontecesse lá ficaria na minha mão, e eu só me toquei disso depois... por que no calor do momento você fala...

Tiago: E rolou assumir o termo como pessoa física?

Campello: É... eu mesmo, eu assumi a responsabilidade. Foi pesado, mas muito gratificante, por que nada mais justo de retribuir para o *skate* tudo que ele fez por mim... me trouxe amizades desde a infância que eu vou levar para a vida, muitos aprendizados em questão de respeito, de cuidar dos espaços... Só que começou a rolar muita treta por conta disso por que a molecada pulava o banco do cara do *food truck*, o cara me ligava e mandava eu paga... estava uma sujeira no pico, os caras me ligavam pra resolver e organizar um mutirão pra limpa...

Tiago: Mas nisso já existia o Coletivo “Beco do Valadão” ou não?

Campello: Já! Mas... foi um momento muito tenso, onde eu comecei a me desgastar muito. Nesse meio tempo eu fui morar com uma companheira em Porto Alegre, sendo que fiquei quase um ano por lá e nisso o “Beco” degringolou... foi por água abaixo, por que os caras descobriram que eu não estava mais aqui e colocaram um aviso de demolição do Beco.

Tiago: Já havia acontecido a troca de gestão da prefeitura?

Campello: Não, ainda não, era o último ano de gestão do Haddad... dezembro do último ano. Nesse meio tempo eu voltei pra São Paulo, fiquei sabendo disso e voltei à ativa. Mano... a gente organizou uma manifestação, o bagulho começou a repercutir em rede social...

Tiago: A manifestação aconteceu no dia do aviso da demolição?

Campello: É... a gente ia fazer um manifesto e não ia deixar ninguém demolir. Cheguei a ligar na Prefeitura e ninguém sabia o que estava acontecendo, então resolvi fazer o bagulho estourar.... Mandamos pra várias marcas, o evento chegou a 15 mil pessoas e nisso a Prefeitura me ligou querendo conversar. Nós fomos conversar, conversa vai e vem, e as reclamações eram: uso de drogas, falta de higiene, pular a fachada dos prédios.... Sobre a higiene lembro que eu disse que seria uma obrigação do município e não nossa, por mais que a gente faça mutirão de limpeza de forma autônoma e sobre a depredação e uso das fachadas dos prédios eu disse: “Isso é uma questão de ocupação do espaço público. Eu entendo que uma rua é um espaço público, a gente está agregando para o lugar, já que cuidamos de um espaço que antes era morto.”. Nisso os caras começaram a gaguejar e o cara da Prefeitura falou que a gente não iria chegar a uma solução... Depois me chamou de canto e falou: “Cara, a gente já está no final da gestão e não queremos *stress*, então organiza a manifestação e eu vou orientar o fiscal a não realizar a demolição se tiver muita gente... até dar entrada a um novo pedido vai demorar uns três meses, então eles não vão conseguir demolir”. Então a gente realizou a manifestação, andamos de *skate*, rolou *best trick* e nada de demolição... A gente comemorou, falamos que o “Beco” seria eterno... beleza!

Aconteceu a troca de gestão e o Dória nomeou o *playboy* do Paulo Matias como Prefeito regional de Pinheiros, foi ai que começou um conflito fudido...

Tiago: Isso já no primeiro ano de gestão? [17:02]

Campello: No primeiro mês! Os caras [donos dos prédios] já foram conversar diretamente com ele, tem um cara que praticamente sozinho é dono do prédio. Até então eu tinha chegado a um acordo com o síndico e com o zelador do prédio, de que a gente tentaria entrar em um consenso, de que se tivesse rolando muito barulho ele me ligava e eu iria até lá tentar resolver ou conversaria com o cara de um *food truck* que virou nosso amigo... Só que acontece que eles nos apunhalaram pelas costas, por que eu estava de “boa fé”, acreditando neles e eles fizeram uma reunião com o Paulo Matias, pelas nossas costas... ..

Tiago: Lá no “Beco”!?

Campello: Sim... eu fui até lá... quando ele [Paulo Matias] me viu, ele passou correndo por mim junto com a assessora pra dentro do prédio. Então eu fiquei esperando ele, nisso passaram mais de quatro horas e eles não desciam, fiquei esperando ele das 11h até umas 15h, em uma terça-feira... nisso eu fui embora, por que tinha que voltar para o trabalho, e fiquei puto por que não me deixaram entrar pra conversar com ele. Passou exatamente um mês, as 6h da manhã, me ligaram avisando que eles estavam destruindo o Beco...

Tiago: Sem nenhum aviso ou notificação? [18:57]

Campello: Sem nada! Lembro que estava o *Brum*, um *skatista* que andava com a gente, debatendo com o GCM e o GCM querendo levar ele em cana. Eu intervi dizendo que eles estavam errados, pedi para me mostrarem o alvará de demolição e chamar o fiscal responsável... nisso uma menina entrou no carro e fechou a janela, eu fui atrás dela pedindo o alvará e nisso começou o debate. Eu falei: “Vocês estão errados! Vocês estão errados”, acho que o GCM viu que não era um bando de moleque,

ficou com um pé atrás e me questionou, foi aí que eu dei uma “carteirada” dizendo ser substituto do tabelião de notas de São Paulo... nossa... nisso eu estava muito emocionado, comecei a chorar, dizendo pra eles que ali estavam anos de esforço e não poderia ser demolido dessa forma...

Tiago: Nesse momento eles já tinham começado a demolir?

Campello: Já tinham quebrado quase tudo, tinham passado umas duas horas já, sendo que eu cheguei lá umas 8h, 7h45... Foi quando eu olhei tudo demolido, e caralho, cinco anos de história demolido... o quanto eu coloquei de dinheiro do bolso, sangue da minha mão, ta ligado? O quanto eu tive de bolha, quantas noites em claro, quantos enquadro sendo taxado de vagabundo sendo que era todo mundo trabalhador, po... na nossa *gangue* tinha médico, engenheiro, advogado, po, não éramos moleques... A gente chegou a um ponto que já estava tudo destruído e toda nossa história jogada por água abaixo na pilantragem, sem nenhum diálogo, os caras nem conversaram com a gente... só chegaram e demoliram, e eu falei: “Não, isso tá errado!”. Fui até a subprefeitura e fiz um protocolo exigindo informações, eles disseram que era só com hora marcada e eu retuquei dizendo que haviam acabado de demolir o “Beco” sem hora marcada nenhuma, então queria falar com alguém. A moça ligou para alguém, cochichou e disse que o Paulo Matias não se encontrava na sala, sendo que a gente viu ele e o carro dele chegando... então eu fiz uma reclamação a próprio punho exigindo explicações, respostas do motivo da demolição e obviamente não tivemos.

Tiago: Eles chegaram a justificar o motivo da demolição?

Campello: A justificativa era de que o prédio ao lado precisava fazer uma reforma de fachada e não havia espaço pra instalação dos andaimes, então eles usariam aquele espaço pra isso. Liberaram um alvará de um ano, falaram que era improrrogável, ele terminou e até hoje o “Beco” está fechado. Por que em setembro de 2017 fechou o “Beco”, setembro de 2018 dei uma investigada por cima e vi que o prédio estava dando entrada em um projeto de fazer uma praça ali, que fecha as 20h, mas não

conseguiram também por que eles queriam que a Prefeitura pagasse e a Prefeitura disse que não tinha a grana, então eles que teriam de pagar e ficou por isso...

Tiago: E os *food trucks*? Sabe se eles continuam lá?

Campello: Continua... o que continua lá foi o único cara que foi nosso amigo... ele dava água de coco de graça pra gente, ajudava a limpar o *pico*, dava saco de lixo pra gente, ele era legal pra caralho... Ele falava para a Prefeitura: “Vocês tiraram os *skatistas* que faziam bastante pelo lugar, deixaram esses caras que destruíram o espaço, está acontecendo um monte de coisa irregular e vocês não vão fazer nada?” A mulher dele era arquiteta, ajudou a mostrar as irregularidades da obra, mas isso os caras não veem. Resumindo essa é a história do “Beco”, a gente ocupou um espaço que estava morto, a gente fez como um fungo, por que o *skate* é isso, a gente ocupa um espaço que tá morto, dá uma vida pra ele e eles vão lá e higienizam. Tanto a Prefeitura, tanto as marcas, tantos as lojas... todo mundo... quem não anda de skate, não consegue entender que é uma ferramenta de reinterpretar espaço. A gente pega um espaço que não tem nenhum significado, que é só um banco, e aquele banco se torna o banco que o fulano mandou um *Noseblunt*... aquele lugar repercute em vários lugares, cria uma memória. É um banco que várias pessoas passam ao longo do dia e não dão nenhuma importância, mas quando um *skatista* anda os caras falam: “Ah! Vai quebrar!”. Isso muitas vezes é entendido transgressão, mas eu entendo como manifesto, o ato de você andar de skate e ocupar um espaço é um manifesto por que além de você estar se divertindo você está se manifestando, por que você fala: “Caralho mano! Olha que lugar legal e vocês não dão valor nenhum... olha como vocês são idiota, olha que espaço bacana.”. É uma pena que os caras não entenderam isso no “Beco”, por mais que a gente falasse, eles não conseguiam entender.

Tiago: Tem o fato deles não entenderem aquele espaço como um lugar para o uso, só com um viés de mercadoria...

Campello: Agora que você falou, olha como é louco, a gente nunca tinha se tocado disso... a gente ocupou um dos metros quadrados mais caros de São Paulo! Olha como o *skate* é foda, por que a gente sem interesse nenhum, dedicando horas das nossas vidas em prol do *skate*, com um grupo de pessoas que você nem conhece ainda, sem receber nada em troca... Depois que foi demolido a gente se deu conta do que havia acontecido, a gente ocupou uma rua na Avenida Faria Lima durante quase cinco anos...

Tiago: E foram cinco anos direto, né!

Campello: Cinco anos sem interrupção, direto! Olha isso cara, se você falar isso pra galera mais nova ninguém acredita. Eu lembro que chegou uma época que a gente já estava cansado de usar dinheiro do nosso bolso e começamos a caçar investidor...

Tiago: Todo o dinheiro que vocês usavam pra construção e manutenção dos obstáculos vinha de vocês, do coletivo?

Campello: Não era só eu, né? Eram vários, não gosto de citar nomes por que posso deixar alguém de fora. A gente falou na época que precisava de grana pra construí uns obstáculos, foi quando eu conheci o João. Lembro de um amigo falar: “Veio uns caras ai que se denominam Rua Ativa...falaram que vão montar um corrimão ai...”, eu desacreditei, mas chegou uns caras lá com o corrimão, o João e o Ricardo. Eu lembro de falar: “Vish, os cara é boy! Não vai por porra de corrimão nenhum aqui... aqui é Rua” [risadas] A gente começou a debater até que falamos pra eles colocarem, nisso eu vi que o trabalho deles era melhor do que o nosso, muito mais *profissa*... [risadas] tive que dar o meu braço a torcer e quem diria que o cara iria virar um dos meus melhores amigos. Nisso a gente foi se aproximando, eles chegaram na época dos conflitos com os *food trucks*... lembro que os caras dos *food trucks* foram lá e arrancaram o bagulho...

Tiago: E vocês perderam o corrimão? Os caras sumiram com ele?

Campello: Não, eles o deixaram todo torto em um canto. Nisso eu vi que os caras do Rua Ativa eram sangue bom, gostei deles, então virei amigo deles e comecei a ter um grande respeito. Eles apresentaram o coletivo, dizendo que fazem vários obstáculos e me chamaram pra fazer uns obstáculos junto com eles pela cidade... e a partir daí foi. Eu ajudava eles com algumas questões jurídicas, o João me colocou na frente do coletivo durante um tempo. Então nisso além do “Beco” a gente começou a ocupar outros espaços, o que a gente fez na Ponte Laguna, na zona sul, é um novo “Beco”. A gente aproveitou alguns materiais de lá e a ideia é a mesma, mas a gente está cometendo o mesmo errado que é deixar livre e não impor regras aos *skatistas*. Eu acho isso um tema muito delicado por que o espaço público ocupado não deve ter tantas regras, eles já acham o contrário, mas depois do que aconteceu no “Beco” eu estou começando a rever minha opinião...

Tiago: Por quê?

Campello: Por que é difícil da galera se tocar que aquele espaço não foi a Prefeitura que fez, não foi o Estado, não é uma *mão invisível* que vai chegar e fazer, foram nós mesmo, alguém igual a eles...

Tiago: Às vezes a pessoal não tem dimensão da potência que é ocupar e construir um espaço desse...

Campello: Se você parar uma pessoa na rua e questionar sobre ocupação do espaço público poucas vão entender do que se trata, talvez um ou outro que foi punk na adolescência... Tem um doc que a gente fez, de uns oito minutos, falando sobre ocupar o Largo da Batata, isso o “Beco” já tinha uns dois anos. A gente se juntou e fez um movimento legal de ajudar a implantar o mobiliário do Largo, eles foram sumindo, só ficaram alguns. Esse vídeo é legal por que conta um pouco dessa história de como o “Beco” foi se repercutindo como um fungo. A galera vê que da certo e começa a tentar fazer também... [...]

Tiago: Com certeza, é um exemplo prático, né? Mostra que é possível...

Campello: Hoje eu tenho uma outra perspectiva do “Beco”, eu e o João, a gente fala: Quem andou, andou.

Tiago: Sim, o João comentou bastante sobre a *vibe* do Beco. Deu até o exemplo da Laguna, que mesmo existindo outros picos, não é a mesma coisa...

Campello: Não é igual! Sexta à noite, a gente ficava lá até umas 4,5 horas da manhã sorrindo, sabe? Em vez de você ir ficar com a família, você ficava lá, por que lá estava muito legal... A gente chegava, fazia sessão, andava, ficava trocando ideia, andava mais um pouquinho, compartilhava tudo. Pô, a gente convenceu o Joca [*skatista* local] a fazer faculdade, sabe? Eram coisas muito construtivas, era tipo uma roda de conversa que fazia muito bem pra gente. Rolava bastante conversa sobre o que a gente estava fazendo ali com o “Beco”, uso dos espaços públicos, cada um dava uma perspectiva diferente... era um bagulho muito legal e se perdeu, a gente ficou órfão. Quando o Beco foi demolido... onde você anda de noite?

Tiago: Nossa, difícil eu ta andando ainda mais a noite... [risadas]

Campello: Ninguém mais anda a noite, cara! Depois que o Beco foi demolido acabou esse rolê noturno, por que tinha a iluminação da própria Avenida, era um lugar que você se sentia seguro, se sentia bem...

Tiago: E você tem noção de quem usava o *pico*? Tipo, ao longo dos cinco anos, quais grupos usavam ali?

Campello: Para você ter uma ideia o *We Are Blood* passou por ali, o Luan de Oliveira saiu em vídeo da *Trasher* manobrando lá... Tinha maluco que saia do fundão da leste, do outro lado da cidade. O cara dava “multa” no busão pra vir andar aqui sendo que lá na leste tem vários picos, ele falava: “Eu gosto de andar no Beco, por que aqui é rua!”. E a gente achava isso da hora demais...

Tiago: E nos outros horários? Tipo, pela manhã, você sabe se colava gente pra andar? O João chegou a comentar que colava um pessoal do clube Pinheiros, da região aqui...

Campello: [risos] O Thales e o Cris, não, o Thales foi pra Portugal, mas o Cris continua dando aula no Clube Pinheiros. Então a *playboyzada*, criança, vinha tudo em peso andar aqui, os moleques que moram tudo na Nova Europa, Nova Conceição, que os pais são tudo magnata, os moleques vinham andar. Mas ao mesmo tempo tinha o *Azeitoninha*, que era um morador de rua e a gente juntou umas peças e deu um skate pra ele, então isso tudo era muito louco: Um morador de rua, começar a ter disciplina no lugar pra ganhar um skate e começar a andar com a gente...

Tiago: O *skate* tem essa potência, né...

Campello: Ôh, o skate salvou minha vida, papo sério! Eu tive uma história de vida bem cabreira, assim... Eu tive uma vida bem tensa e foi a galera do *skate* que me deu uma disciplina, em questão de amor a vida, as coisas e é o que me dá um ânimo. Esse bagulho de você acertar uma manobra e vêm cinco, seis caras que você nem conhece te abraçar todo suado? Mano, isso não existe! Você pode ir em qualquer lugar do mundo que os caras vão te cumprimentar, hoje já tá meio deturpado com uma molecadinha, mas antes... Você usar cadarço nas antigas, a parada é um laço, além de não machucar a barriga, é um laço, e isso pra mim foi muito louco, o skate pra mim se tornou minha família.

Tiago: Antes do Beco você lembra o que era o espaço ali?

Campello: Rua, ali atrás foi uma escola, eles fecharam a rua pra fazer a escola. Por que no projeto do Maluf pra Avenida ele queria tirar os cabos e fazer igual na Av. Paulista, fazer tudo cabo subterrâneo, então foi isso. Uma das ruas foi fechada, construíram uma casa no fundo, que virou uma escola a escola faliu, não sei o que aconteceu, e virou um estacionamento do prédio, ficou uma rua sem saída, morta. Quando eles foram fazer a calçada da Faria Lima eles passaram a calçada por cima, aí era um ponto de táxi, era tudo de paralelepípedo. E é muito doido, por que os caras passaram aquele material tão bom em cima dos paralelepípedos? Deve ter sido sem querer, pra gente foi “ohhhhh, deus nos ouviu!” [risos]

Tiago: E você acha que foi uma parada ao acaso mesmo? Por que não devia tá no projeto dos caras, né?

Campello: Mano, eu juro, que queria muito encontrar os caras que fizeram a da calçada da Faria Lima e dar um abraço neles, por que aquilo ali não foi intencional. Eu queria muito dar um abraço nesses caras por que o “Beco” proporcionou os melhores momentos da minha vida, tudo bem que teve muito stress, foi muito cansativo, mas os momentos, os amigos, isso eu vou levar pra vida e eu te juro mano, eu me emociono muito quando falo isso!

Tiago: Mas o que você acha que tinha de diferente no “Beco”? Pra fazer o pessoal se deslocar tanto pra colar lá...

Campello: Eu acredito muito em energia, então como a gente fez o bagulho sem querer nada em troca, como forma de retribuir o *skate*, tinha uma energia muito da hora ali. Por que o “Beco” não era uma pista que você cola, anda e fala: “ah, da hora, uma pista.”. Lá era legal, você colava, estava lotado e mesmo assim você ficava. Os obstáculos eram feitos de *skatista* pra *skatista*, gente que sabia o que estava fazendo, por que apesar de serem simples eles eram muito divertidos. Eram difíceis, dependendo da manobra, e só quem viveu sabe.

Tiago: E a galera que trabalhava ali perto do “Beco” também usava o espaço?

Campello: Sim, usavam os obstáculos como banco. Os caras iam comer nos *food trucks* e sentavam lá pra comer, então era um espaço de uso misto, a galera não entendia, mas era. Uma coisa que eu sempre defendi e a gente queria implementar, mas é muito, é mobiliário de uso misto. É tipo encontrar mobiliários que sejam versáteis, que de pra usar como banco, como obstáculos de *skate*, de *bike*, de *roller* e que a gente consiga conciliar essa convivência.

Tiago: Rolava muita repressão lá?

Campello: Sim, tinha, a gente tomou muito enquadro lá, principalmente na madrugada. A gente tomou um do GARRA lá, que eu nunca tomei um enquadro daquele, papo de mira de *laser* no peito. Nesse dia a gente tava virando massa de concreto, tinha até um morador de rua ajudando a gente, pagamos uma janta pra ele. E esse dia foi muito louco, por que a gente tava feliz com o resultado do que estávamos fazendo e tomamos um dos enquadros mais cabulosos de todos. O carro do João tava no meio do Beco, os caras chegaram pedindo documento, revistando tudo, até que eu tomei a linha de frente tentando cativar os caras, né? Isso nunca aconteceria na nossa vida se a gente não tivesse feito o “Beco”...

Tiago: Se parar pra pensar aconteceu muita coisa pra um *pico*, né...
[risadas]

Campello: Não tem como eu te contar em um dia tudo o que aconteceu lá... era muito louco ver o tanto de gente diferente que frequentava o “Beco”, isso era muito louco... ainda mais em um espaço que você mesmo construiu...

ANEXO C

TERMO DE DOAÇÃO



TERMO DE DOAÇÃO Nº ____/PR-PI/2019

TERMO DE DOAÇÃO QUE CELEBRAM A PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, POR INTERMÉDIO DA SUBPREFEITURA DE PINHEIROS, COM CONDOMÍNIO EDIFÍCIO CONSELHEIRO PARANAGUÁ, OBJETIVANDO A DOAÇÃO DE SERVIÇOS PARA A TRANSFORMAÇÃO DA RUA SEM SAÍDA MATIAS VALADÃO.

DOADOR: CONDOMÍNIO EDIFÍCIO CONSELHEIRO PARANAGUÁ.

OBJETO DA DOAÇÃO: SERVIÇOS PARA A TRANSFORMAÇÃO DA RUA SEM SAÍDA MATIAS VALADÃO.

VALOR ESTIMADO DA DOAÇÃO: R\$ 138.747,00 (CENTO E TRINTA E OITO MIL, SETECENTOS E QUARENTA E SETE REAIS)

PROCESSO nº 6050.2018/0000140-0

A Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP, por intermédio da Subprefeitura de Pinheiros, com sede na cidade de São Paulo, Av. das Nações Unidas, nº 7.123, CEP 05425-070, doravante denominada simplesmente **DONATÁRIA**, neste ato representada pelo Prefeito Regional de Pinheiros, Sr. João Vestim Grande, nomeado em 17.01.2019 e **CONDOMÍNIO EDIFÍCIO CONSELHEIRO PARANAGUÁ**, com sede na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1234 – Pinheiros – São Paulo/SP, inscrito no CNPJ sob nº 54.936.521/0001-84, no ato representada por seu Síndico em mandato senhor Luiz Gramdchamp, portador do RG nº 10.759.998-3 e CPF nº 990.552.448-72, doravante denominado **DOADOR**, com fundamento nos Decretos Municipais nº 40.384/2001, 48.909/07 e 52.062/10, resolvem celebrar o presente Termo de Doação, mediante as cláusulas e condições seguintes:

Av. das Nações Unidas, 7123 – Pinheiros – CEP 05425-070 – TEL. 3095-9595



PREFEITURA DE SÃO PAULO

SUBPREFEITURA DE PINHEIROS

1. DO OBJETO

- 1.1. A DOADORA oferta à DONATÁRIA, sem quaisquer ônus ou encargos para a Administração, a doação de serviços para a transformação da rua sem saída Matias Valadão.
- 1.2. Os serviços doados serão executados pelo DOADOR conforme as especificações contidas no processo administrativo (SEI nº 6050.2018/0000140-0).
- 1.3. Os valores despendidos pelo DOADOR em virtude da execução dos serviços serão considerados doados à DONATÁRIA, sem encargos e em caráter irrevogável e irretroatável, para todos os fins e efeitos de direito.

2. DAS OBRIGAÇÕES DO DOADOR

São responsabilidades do DOADOR:

- 2.1. Todo o custo dos serviços descritos na Cláusula Primeira, inclusive por eventuais tributos incidentes sobre a execução dos serviços.
- 2.2. Todas as despesas decorrentes da execução do serviço, com relação a encargos trabalhistas, fiscais e previdenciários; ficando a DONATÁRIA isenta de qualquer vínculo e responsabilidade para com seus funcionários ou terceiros.
- 2.3. Respeitar e aplicar a legislação vigente que dispõe sobre trabalho, previdência social e acidentes de trabalho, aos seus empregados utilizados nos serviços previstos neste Termo.
- 2.4. Ressarcir eventuais danos causados aos bens públicos, assumindo o compromisso de indenizar os prejuízos causados, desde que decorrente dos serviços e obras realizadas.
- 2.5. Realizar o serviço de acordo com o projeto apresentado à DONATÁRIA.

3. DAS OBRIGAÇÕES DA DONATÁRIA

São responsabilidades da DONATÁRIA:



PREFEITURA DE SÃO PAULO

SUBPREFEITURA DE PINHEIROS

- 3.1. Aceitar a doação na forma estabelecida neste Termo e no processo administrativo SEI nº 6050.2018/0000140-0.
- 3.2. O acompanhamento e monitoramento dos serviços a atividades envolvidas pelo objeto deste Termo, incluindo a aprovação nas esferas Municipais, estaduais e Federais.
- 3.3. Fiscalizar a execução da obra objeto da doação, registrando em relatório próprio e assinado pelo fiscal do Termo de Doação, e inserido aos autos.

4. DOS PRAZOS

- 4.1. A execução dos serviços objeto do presente Termo terá duração de 03 (três) meses a contar da publicação no Diário Oficial.
- 4.2. O prazo para execução dos serviços poderá ser prorrogado mediante prévia solicitação do DOADOR e autorização expressa da DONATÁRIA.
- 4.3. Para a entrega dos serviços objeto deste Termo de Doação, as partes acordam que haverá a emissão de um laudo técnico com relatório fotográfico, por perito idôneo, a ser contratado pelo DOADOR, com a finalidade de comprovar que os trabalhos foram realizados de acordo com o Memorial descritivo de serviços.

5. VALOR DA DOAÇÃO

- 5.1. O valor estimado da presente doação é de: R\$ 138.747,00 (cento e trinta e oito mil, setecentos e quarenta e sete reais).

6. DISPOSIÇÕES GERAIS

- 6.1. Este termo poderá ser denunciado por qualquer das partes, na ocorrência de fatos supervenientes que impeçam o prosseguimento de seu objeto, mediante comunicação escrita e aviso prévio de, no mínimo, 15 (quinze) dias de antecedência. Ainda, poderá ser revogado se o DOADOR, por qualquer motivo não realizar os serviços abrangidos pelo objeto ou suspender sua execução, deixar de seguir o escopo dos serviços constante no processo



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**

SUBPREFEITURA DE PINHEIROS

administrativo SEI nº 6050.2018/0000140-0 ou causar danos aos bens públicos.

6.2. É vedada a cessão deste Termo sem o consentimento da DONATÁRIA.

6.3. As melhorias decorrentes do objeto doado passarão a integrar o patrimônio público municipal, sem qualquer direito de retenção ou indenização por parte do DOADOR.

6.4. A DONATÁRIA se reserva no direito de executar no mesmo local, serviços distintos dos abrangidos no presente Termo, sem quaisquer direito a DOADORA a retenções ou indenizações;

6.5. Fica ressalvada a possibilidade de alteração das condições deste Termo em face de superveniência de normas Federais, Estaduais ou Municipais disciplinando a matéria;

6.6. Fica eleito o Foro da Comarca da Fazenda Pública do Estado de São Paulo para dirimir eventuais controvérsias decorrentes do presente ajuste.

Como prova de assim haverem ajustado, é lavrado o presente Termo de Doação, sem encargos, o qual é assinado pelas partes, em 03 (três) vias de igual teor e forma, na presença de duas testemunhas.

São Paulo, de de 2019.

JOÃO VESTIM GRANDE
SUBPREFEITO DE PINHEIROS

CONDOMÍNIO EDIFÍCIO CONSELHEIRO PARANAGUÁ
LUIZ GRAMDCHAMP

TESTEMUNHAS:

1.

NOME:

RG:

CPF

2.

NOME:

RG:

CPF:

Av. das Nações Unidas, 7123 – Pinheiros – CEP 05425-070 – TEL. 3095-9595

ANEXO D

ORDEM DE INÍCIO



Ordem de início nº 001/SUB-PI-GAB/2019

DATA: 02.08.2019


Dirigido à: CONDOMÍNIO EDIFÍCIO CONSELHEIRO PARANAGUÁ

Assunto: Doação de serviços para transformação da Rua sem saída Matias Valadão

Pelo presente, fica o Condomínio supramencionado, autorizado a iniciar os serviços objeto do escopo das obras, através do processo SEI 6050.2018/0000140-0 e, em conformidade com o Termo de Doação que celebram a Prefeitura do Município de São Paulo, por intermédio da Subprefeitura de Pinheiros com o Condomínio Edifício Conselheiro Paranaguá, objetivando a doação de serviços para a transformação da Rua sem saída Matias Valadão.

Para efeito de contagem do prazo da prestação dos serviços, que será de 90 (noventa dias) dias corridos, o início dar-se-á a partir de 02.08.2019.

Os serviços serão fiscalizados pela Coordenadoria de Projetos e Obras desta Subprefeitura, através do engenheiro Robson Maida Profenzano, RF 753.120.6, substituído em caso de impedimentos legais pela servidora engenheira Hilda Mitiko Iuamoto Pacheco, RF 755.123.1, com quem poderão ser mantidos todos os entendimentos, visando o bom andamento dos serviços contratados.


JOÃO GRANDE
Subprefeito de Pinheiros


Condomínio Edifício Conselheiro Paranaguá

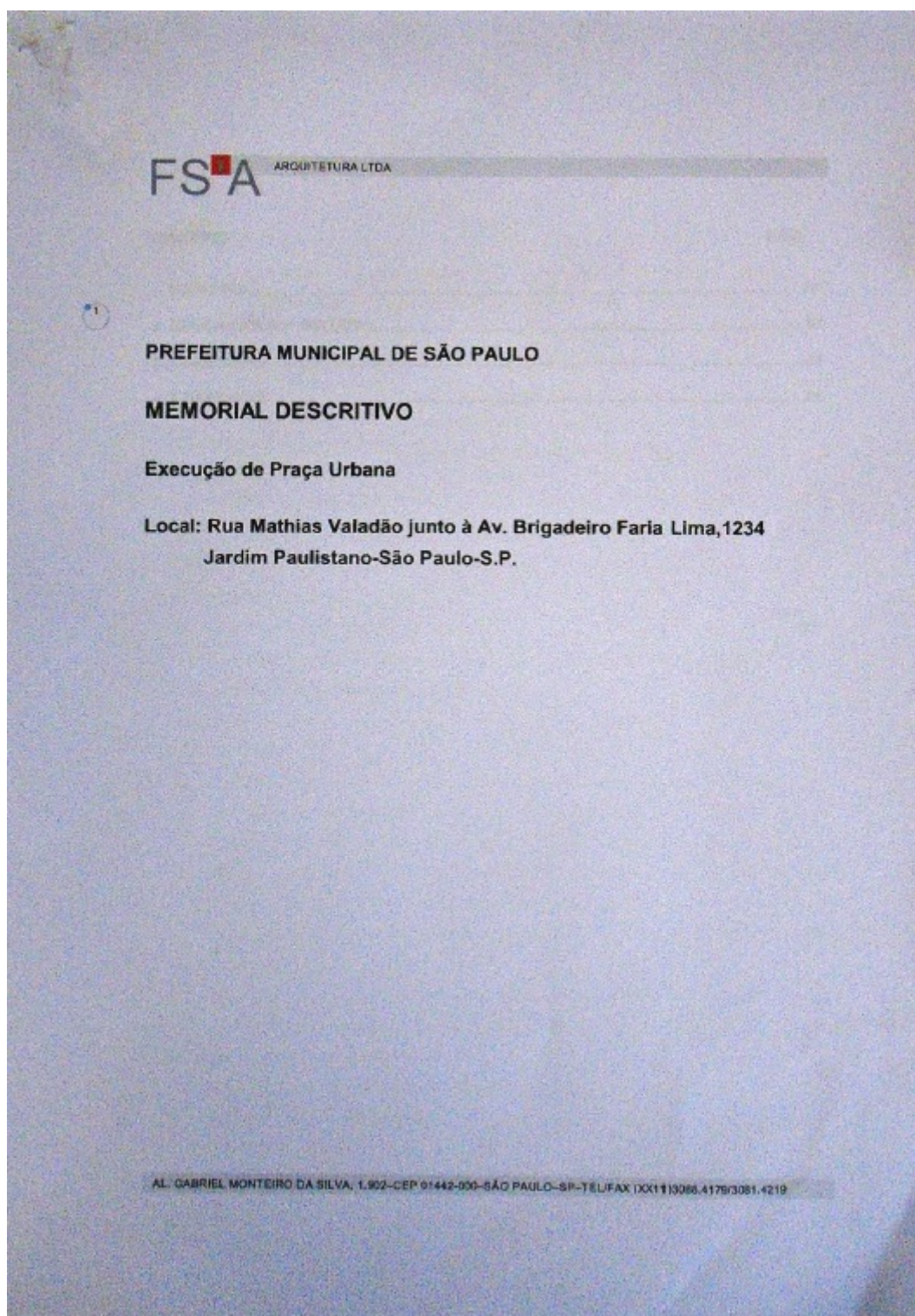
Nome:

Cargo:

Av. das Nações Unidas, 7123 – Pinheiros – CEP 05425-070 – TEL. 3095-9595

ANEXO E

MEMORIAL DESCRITIVO



SUMÁRIO	PAG.
1. OBJETIVO.....	03
2. DESCRIÇÃO DO PROJETO.....	03
3. VEGETAÇÃO.....	04
4. ILUMINAÇÃO.....	05



2. DESCRIÇÃO DO PROJETO

- 1. Área de 100m² de terreno, com dimensões de 10m x 10m.
- 2. Área coberta por projeto de 10m x 10m, com 10m de largura e 10m de comprimento, sendo a largura para utilização de circulação.
- 3. Área de estacionamento de 10m x 10m.
- 4. Área coberta de estacionamento de 10m x 10m, com 10m de largura e 10m de comprimento, sendo a largura para utilização de circulação.
- 5. Área de 10m x 10m.
- 6. Área de 10m x 10m.
- 7. Área de 10m x 10m.
- 8. Área de 10m x 10m.
- 9. Área de 10m x 10m.
- 10. Área de 10m x 10m.
- 11. Área de 10m x 10m.
- 12. Área de 10m x 10m.
- 13. Área de 10m x 10m.
- 14. Área de 10m x 10m.
- 15. Área de 10m x 10m.
- 16. Área de 10m x 10m.
- 17. Área de 10m x 10m.
- 18. Área de 10m x 10m.
- 19. Área de 10m x 10m.
- 20. Área de 10m x 10m.
- 21. Área de 10m x 10m.
- 22. Área de 10m x 10m.
- 23. Área de 10m x 10m.
- 24. Área de 10m x 10m.
- 25. Área de 10m x 10m.
- 26. Área de 10m x 10m.
- 27. Área de 10m x 10m.
- 28. Área de 10m x 10m.
- 29. Área de 10m x 10m.
- 30. Área de 10m x 10m.
- 31. Área de 10m x 10m.
- 32. Área de 10m x 10m.
- 33. Área de 10m x 10m.
- 34. Área de 10m x 10m.
- 35. Área de 10m x 10m.
- 36. Área de 10m x 10m.
- 37. Área de 10m x 10m.
- 38. Área de 10m x 10m.
- 39. Área de 10m x 10m.
- 40. Área de 10m x 10m.
- 41. Área de 10m x 10m.
- 42. Área de 10m x 10m.
- 43. Área de 10m x 10m.
- 44. Área de 10m x 10m.
- 45. Área de 10m x 10m.
- 46. Área de 10m x 10m.
- 47. Área de 10m x 10m.
- 48. Área de 10m x 10m.
- 49. Área de 10m x 10m.
- 50. Área de 10m x 10m.
- 51. Área de 10m x 10m.
- 52. Área de 10m x 10m.
- 53. Área de 10m x 10m.
- 54. Área de 10m x 10m.
- 55. Área de 10m x 10m.
- 56. Área de 10m x 10m.
- 57. Área de 10m x 10m.
- 58. Área de 10m x 10m.
- 59. Área de 10m x 10m.
- 60. Área de 10m x 10m.
- 61. Área de 10m x 10m.
- 62. Área de 10m x 10m.
- 63. Área de 10m x 10m.
- 64. Área de 10m x 10m.
- 65. Área de 10m x 10m.
- 66. Área de 10m x 10m.
- 67. Área de 10m x 10m.
- 68. Área de 10m x 10m.
- 69. Área de 10m x 10m.
- 70. Área de 10m x 10m.
- 71. Área de 10m x 10m.
- 72. Área de 10m x 10m.
- 73. Área de 10m x 10m.
- 74. Área de 10m x 10m.
- 75. Área de 10m x 10m.
- 76. Área de 10m x 10m.
- 77. Área de 10m x 10m.
- 78. Área de 10m x 10m.
- 79. Área de 10m x 10m.
- 80. Área de 10m x 10m.
- 81. Área de 10m x 10m.
- 82. Área de 10m x 10m.
- 83. Área de 10m x 10m.
- 84. Área de 10m x 10m.
- 85. Área de 10m x 10m.
- 86. Área de 10m x 10m.
- 87. Área de 10m x 10m.
- 88. Área de 10m x 10m.
- 89. Área de 10m x 10m.
- 90. Área de 10m x 10m.
- 91. Área de 10m x 10m.
- 92. Área de 10m x 10m.
- 93. Área de 10m x 10m.
- 94. Área de 10m x 10m.
- 95. Área de 10m x 10m.
- 96. Área de 10m x 10m.
- 97. Área de 10m x 10m.
- 98. Área de 10m x 10m.
- 99. Área de 10m x 10m.
- 100. Área de 10m x 10m.

1. OBJETIVO

O presente documento tem por objetivo descrever o projeto de tratamento paisagístico na Rua Mathias Valadão, rua sem saída localizada na altura do número 1234 da Avenida Brigadeiro Faria Lima, com dimensões de 8,00m de largura por 45,00m de profundidade, transformando essa área em uma praça urbana.

Os principais objetivos que nortearam a concepção do Projeto foram:

Contribuir para melhoria da qualidade de vida na cidade, criando área de lazer arborizada para uso público, com significativo ganho ambiental à cidade.

2. DESCRIÇÃO DO PROJETO

A área de frente do terreno será destinada às motocicletas.

A área interna foi projetada como um parque urbano com muitas árvores, bancos, mesas e suportes para colocação de bicicletas.

2.1 Área do estacionamento de motos

Área destinada ao estacionamento de motos com 10 vagas, conforme projeto localizada no acesso sobre piso cimentado existente no local.

2.2 Área da Praça

2.2.1 Equipamentos

- Logo na entrada da praça foram localizados nas laterais do terreno suportes que permitem o estacionamento de cerca de 40 bicicletas.
- Na lateral direita de quem entra na praça e ao fundo, conforme desenho de projeto, foram localizadas mesas circulares com pé central, tendo na sua superfície desenho de tabuleiro de xadrez. Banquetas também circulares foram localizadas junto a essas mesas, todos a serem executados em concreto aparente, protegidos com resina acrílica incolor.
- Nas laterais esquerdas de quem entra na praça serão colocados equipamentos de ginástica dentro do padrão utilizado pela Prefeitura de São Paulo.

2.2.2 Pisos acabamentos

- Toda área terá piso de ladrilho hidráulico, na cor cinza, assentados conforme ABNT NBR9457 "Ladrilhos hidráulicos para pavimentação- especificação e métodos de ensaio".

- Nas áreas delimitadas e fronteiriças as mesas circulares o piso hidráulico será do tipo padrão mapa de São Paulo conforme desenho constante no projeto.
- A partir da calçada e em toda praça será instalado piso podotátil de alerta e direcional de acordo com o posicionamento definido no projeto e confeccionados com as dimensões especificadas na norma ABNT NBR 9050.

3. VEGETAÇÃO

3.1 Localização e escolha da vegetação

Foram localizadas duas árvores nas laterais na área das motocicletas.

Internamente, foram localizadas alternadamente a cada cinco metros dezesseis árvores.

As escolhas tiveram alguns critérios gerais e importantes.

- Não ser tóxica
- Não possuir raízes superficiais ou agressivas
- Não possuir espinhos
- Não ser invasora

Optamos por escolher árvores com florações em diversas épocas do ano para que o parque sempre esteja colorido.

Para a escolha das espécies usamos como referencial o porte e a cor das flores.

- Na frente serão colocadas duas árvores do tipo Resedá: (*Lagerstroemia indica*) de flores rosas.
- No centro da praça localizamos seis árvores de flores predominantemente roxas: Quaresmeira (*Tibouchina granulosa*), floração roxa que ocorre duas vezes por ano e Manacá da Serra (*Tibouchina mutabilis*) com flores brancas, rosas e roxas.
- No final da praça, no centro do banco circular foi especificado o Ipê Rosa (*Tabebuia Avellanedae*), árvore de porte médio.
- Na lateral esquerda de quem entra na praça serão colocadas seis árvores Cássia-do-nordeste (*Senna spectabilis*) que produz flores de cor amarela. A floração decorre entre março a abril.
- Na lateral direita de quem entra na praça serão colocadas três árvores Resedá: (*Lagerstroemia indica*) de flores rosas.

4. ILUMINAÇÃO

Toda área receberá iluminação onde indicado em projeto e conforme padrão utilizado pela Prefeitura Municipal de São Paulo.

FS^A ARQUITETURA LTDA

5

Marília Sant'Anna de Almeida

FS^A Arquitetura Ltda.
CNPJ: 68.314.467 / 0001-40
CCM- 2.088.409-5
CAU- 3391-0
Arq. Marília Sant'Anna de Almeida
RRT: 6.577.550

AL: GABRIEL MONTEIRO DA SILVA, 1.902-CEP 01442-000-SÃO PAULO-SP-TEL/FAX (XX11)3066.4179/3061.4219